

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

ALESSANDRA SIMON PICCIONI

ANÁLISE COMPREENSIVA DA INFLUÊNCIA DA MODERNIDADE  
SOBRE O COMPORTAMENTO DE GESTORES ORGANIZACIONAIS,  
À LUZ DE PRINCÍPIOS ÉTICOS, RESPALDADOS EM VALORES CRISTÃOS

São Leopoldo

2015

ALESSANDRA SIMON PICCIONI

ANÁLISE COMPREENSIVA DA INFLUÊNCIA DA MODERNIDADE  
SOBRE O COMPORTAMENTO DE GESTORES ORGANIZACIONAIS,  
À LUZ DE PRINCÍPIOS ÉTICOS, RESPALDADOS EM VALORES CRISTÃOS

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para a obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Dusan Schreiber

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P589a Piccioni, Alessandra Simon

Análise compreensiva da influência da modernidade sobre o comportamento de gestores organizacionais, à luz de princípios éticos, respaldados em valores cristãos / Alessandra Simon Piccioni ; orientador Dusan Schreiber. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.

91 p. ; 31 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2015.

1. Civilização moderna – Sec. XXI. 2. Ética social. 3. Ética moderna. 4. Administração – Aspectos morais e éticos. 5. Bauman, Zygmunt, 1925- . 6. Lipovetsky, Gilles, 1944- . I. Schreiber, Dusan. II. Título.

ALESSANDRA SIMON PICCIONI

ANÁLISE COMPREENSIVA DA INFLUÊNCIA DA MODERNIDADE  
SOBRE O COMPORTAMENTO DE GESTORES ORGANIZACIONAIS,  
À LUZ DE PRINCÍPIOS ÉTICOS, RESPALDADOS EM VALORES CRISTÃOS

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para a obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Linha de Pesquisa: Ética e Gestão

Data:

---

Dusan Schreiber - Doutor em Administração – UFRGS

---

Iuri Andréas Reblin – Doutor em Teologia – Faculdades EST



*“Somente a moralidade das nossas ações  
pode nos dar a beleza e a dignidade de  
viver.”*

Albert Einstein



## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Pai Claudio (*in memoriam*) que pela sabedoria e vivência sempre me incentivou a continuar buscando conhecimento; à minha Mãe por apoiar minha decisão em fazer Mestrado. A Rui, por ser meu grande incentivador na concretização deste projeto. Ao Professor Dusan que me orientou com paciência e dedicação para concluir esse trabalho; e a EST pela formação e experiência transmitida.

E a todos que de alguma forma estiveram sempre próximos na produção deste trabalho.





## RESUMO

Nas últimas décadas a sociedade começou a perceber sinais inequívocos de fragilização das relações sociais, o que levou ao questionamento acerca da relevância de princípios éticos e valores morais, como alicerces da estrutura social e também organizacional, com base no entendimento de que as organizações representam um recorte do tecido social. Com o intuito de contribuir para o debate diversos(as) autores(as) elaboraram relevante base teórica, com possíveis explicações da precarização que caracteriza a interação social na atualidade. Destacam-se dentro desta perspectiva a Modernidade Líquida, de Bauman, e Hipermodernidade, de Lipovetsky. No âmbito da Modernidade Líquida, segundo Bauman, a sociedade tornou-se “líquida” e tudo se transforma constantemente. A fluidez e a individualidade são características marcantes da época atual. Já Lipovetsky explicita as características da Hipermodernidade. Contrário, em parte, à percepção negativa de Bauman, através da redescoberta de valores ligados a tradições familiares, religião, costumes e hábitos do passado. Complementa que na Hipermodernidade tudo acontece com maior velocidade e dinamismo que na Modernidade Líquida, e que a flexibilidade, fluidez e a figura de Narciso como hedonista, são características da Hipermodernidade. Neste trabalho foi realizada uma revisão densa da literatura concernente à constituição, evolução e características das sociedades e seus desafios, bem como o surgimento da Sociologia e o Positivismo. Em seguida, referenciam-se as principais teorias éticas e seus pensadores, além de caracterizar os valores humanos e cristãos. Logo após, trata-se da Modernidade Líquida de Bauman e a Hipermodernidade de Lipovetsky, com seus conceitos, valores e diferenças. E por fim, apresenta-se o ambiente organizacional, a análise comportamental e o perfil do administrador. Dessa forma, pretende-se contribuir com uma melhor reflexão acerca da influência da Modernidade no aspecto comportamental dos gestores, levando em considerações princípios éticos e respaldados em valores cristãos.

**Palavras-chave:** Modernidade. Ética. Valores. Organização.



## **ABSTRACT**

In the last decades society has begun to perceive unequivocal signs of a weakening of the social relations, which has led to the questioning of the relevance of ethical principles and moral values as the foundations of the social and organizational structure based on the understanding that the organizations represent a sample of the social fabric. With the goal of contributing to the debate various authors have elaborated a relevant theoretical base with possible explanations for the precariousness which characterizes the social interaction in current times. We highlight within this perspective the Liquid Modernity of Bauman and Hypermodernity of Lipovetsky. In the scope of the Liquid Modernity, according to Bauman, society has become "liquid" and everything transforms itself constantly. The fluidity and the individuality are striking characteristics of the current times. Lipovetsky, on the other hand explains the characteristics of Hypermodernity. Contrary, in part, to the negative perception of Bauman, through the rediscovery of values connected to family traditions, religion, customs and habits of the past. He adds that in Hypermodernity everything happens with greater speed and dynamism than in the Liquid Modernity, and that flexibility, fluidity and the figure of Narcissus as a hedonist, are characteristics of Hypermodernity. For this paper a dense review of the literature related to the constitution, evolution and characteristics of the societies and their challenges, as well as of the emerging of Sociology and Positivism was carried out. Following, reference is made to the main ethics theories and their thinkers, besides characterizing the human and Christian values. After this, we deal with the Liquid Modernity of Bauman and Hypermodernity of Lipovetsky, with their concepts, values and differences. And finally the organizational environment is presented along with the behavioral analysis and profile of the administrator. In this way the intent is to contribute to a better reflection about the influence of Modernity on the behavioral aspect of the administrators, taking into consideration ethical principles that are supported by Christian values.

**Keywords:** Modernity. Ethics. Values. Organization.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 A CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE, SEUS FUNDAMENTOS E DESAFIOS .....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 A evolução da sociedade e suas características .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 O surgimento da Sociologia.....</b>	<b>23</b>
<b>2 PRINCÍPIOS ÉTICOS .....</b>	<b>35</b>
<b>2.1 Teorias éticas .....</b>	<b>35</b>
<b>2.2 Valores humanos .....</b>	<b>47</b>
<b>2.3 Valores cristãos .....</b>	<b>48</b>
<b>3 DA MODERNIDADE LÍQUIDA DE BAUMAN À HIPERMODERNIDADE DE LIPOVETSKY: CONCEITOS, VALORES E DIFERENÇAS .....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 A influência do Iluminismo e a Revolução Industrial no surgimento da Modernidade.....</b>	<b>51</b>
<b>3.2 Da Pós-Modernidade a Hipermodernidade de Lipovetsky .....</b>	<b>63</b>
<b>4 AMBIENTE ORGANIZACIONAL, ANÁLISE COMPORTAMENTAL E O PERFIL DO ADMINISTRADOR.....</b>	<b>69</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>



## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é possível afirmar que o cenário contemporâneo, social e de mercado é complexo devido a uma série de fatores, com destaque para a evolução tecnológica e a globalização. Vive-se numa sociedade de consumo. Há a possibilidade de se adquirir bens e produtos manufaturados e desenvolvidos utilizando diversos meios, apoiados em plataformas tecnológicas, bem como pela diversidade de alternativas disponíveis para aquisição, por todos os continentes, independente da cultura, idioma ou crença.

A Revolução Industrial pode ser considerada o marco histórico na passagem das sociedades tradicionais para a Modernidade através da produção em larga escala para incentivar o consumo entre as pessoas. As linhas de produção robustas e grandes indústrias foram denominadas por Bauman como o capitalismo pesado, pois quanto maior, melhores seriam as condições para competir.

Com o aparecimento de movimentos sindicais em prol dos trabalhadores e modificações no contexto social, político e cultural surgiram relevantes mudanças nos traços do capitalismo. Estas mudanças representam a base para o conceito de Modernidade Líquida de Bauman e o capitalismo, que evidenciaram como aspectos fundantes a fluidez, flexibilidade e individualidade.

Com o aumento da demanda por bens e produtos pela sociedade em geral bem como o uso da internet e aparelhos de alta tecnologia, pode-se dizer que esses fatores facultaram alavancar o consumo exagerado e desenfreado, o qual Lipovetsky denomina Hipermodernidade. Esta é caracterizada pelo excesso e a cultura do sempre querer mais. Além disso, a Hipermodernidade traz os aspectos de fluidez e flexibilidade, que são originários na Modernidade Líquida.

Neste cenário veloz e competitivo torna-se relevante, para a sobrevivência das organizações, uma gestão empresarial que possa administrar os recursos e liderar equipes de maneira proativa, eficiente e eficaz. Para o(a) gestor(a) do novo milênio, não basta apenas saber o que fazer, mas ter a responsabilidade de também mostrar como fazer. Acredita-se que seria ideal que o(a) administrador(a) fosse um exemplo e um(a) líder a ser seguido(a) com conhecimento técnico, atitudes éticas e morais que incentivem à equipe a confiar nas suas decisões.

Este estudo foi construído visando alcançar os seguintes objetivos:



- ✓ Geral: avaliar o nível da influência da Modernidade sobre o comportamento de gestores(as) organizacionais, à luz de princípios éticos, respaldados(as) em valores cristãos.
- ✓ Específicos:
  - Apresentar a evolução da sociedade desde os primórdios até a Modernidade;
  - Conceituar os princípios morais e éticos;
  - Explorar a base conceitual de Modernidade com destaque para os autores Bauman e Lipovetsky;
  - Analisar a influência da Modernidade sobre o comportamento organizacional dos(as) administradores(as) a luz dos princípios éticos, respaldados em valores cristãos.

No intuito de contribuir ao estudo, foi realizada pesquisa com dados bibliográficos em artigos científicos e livros de autores(as) seminais e contemporâneos, que versam sobre os temas como Modernidade, hipermodernidade, ética, moral, administração, religião, entre outros. O delineamento metodológico foi construído de forma a atender os objetivos e foi baseado em método de mineração de dados (*data mining*), no âmbito da abordagem qualitativa e análise interpretativa de significado simbólico dos textos que emergiram ao longo da pesquisa.

A base da consulta foram os *sites* como Scielo e CAPES, bem como diversos artigos de revistas. Dentre as quais a Revista Brasileira de Ciências Sociais, Revista Brasileira de História, Revista Educação & Sociedade, Kriterion, Revista da Educação Superior. As consultas foram realizadas no período de janeiro a outubro de 2015. As palavras-chave utilizadas, de forma isolada e/ou em conjunto, foram: sociologia, valores humanos, princípios éticos, cristianismo, valor, modernidade, pós-Modernidade, hipermodernidade, hedonismo, administração, organizações, teorias éticas.

O resultado da pesquisa bibliográfica compreende noventa títulos, distribuídos na leitura de livros e artigos tanto nacionais quanto internacionais, que objetivaram ampliar a aderência ao objeto de estudo.

Os resultados encontrados possibilitaram promover o debate acerca do tema proposto, pois apresenta algumas limitações, com destaque para a impossibilidade de generalização a outros contextos sociais específicos. Além disso, a pesquisa não

se encerra nela mesma, possibilitando novos estudos que possam apontar para evidências que indiquem alternativas que suscitem novas possibilidades de arranjos sociais e econômicos. E tampouco pretende abordar todo o assunto, mas coletar informações necessárias para responder ao problema de pesquisa apontado.

No primeiro capítulo apresentar-se-á o surgimento da sociedade, sua evolução e a Sociologia. Complementa-se através do Positivismo e seus(suas) principais autores(as). No segundo capítulo tratar-se-á das principais teorias éticas, seus fundadores e valores morais e éticos pertinentes, bem como os conceitos relacionados aos valores humanos e cristãos. No terceiro capítulo, abordar-se-á as informações, conceitos e características da Modernidade Líquida de Bauman, a pós-modernidade e também o estudo de Lipovetsky intitulado hipermodernidade. No quarto capítulo referenciar-se-á a origem, a evolução do enfoque comportamental na administração, o ambiente organizacional e perfil e habilidades do(a) administrador(a).



# 1 A CONSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE, SEUS FUNDAMENTOS E DESAFIOS

Neste primeiro capítulo serão apresentadas as vertentes teóricas que versam sobre o surgimento da sociedade, com ênfase para a evolução dos valores morais e éticos como elementos estruturantes. Com o intuito de contribuir para o debate serão examinadas as bases conceituais da sociologia, desde seu surgimento até os dias atuais, com destaque para à escola positivista e ideais propostos por seus principais pensadores como Comte, Durkheim, Marx e Weber.

## 1.1 A evolução da sociedade e suas características

As primeiras sociedades humanas caracterizavam-se como caçadoras e coletoras, e os primeiros registros do seu surgimento datam de 50.000 a.C. Complementa-se que são sociedades com pouca desigualdade, pois tem como objetivo suprir somente as suas necessidades básicas e não acumular riqueza material. Além disso, Giddens aponta a existência de diferenças de gênero: os homens na grande maioria são caçadores, pescadores, enquanto as mulheres cozinham, plantam e cuidam dos filhos.<sup>1</sup>

Ainda sobre a diferença de gênero:

Cada sociedade humana pressupõe uma forma rudimentar de divisão do trabalho. Contudo, no tipo mais simples de sociedade implica uma divisão elástica dos deveres entre os sexos: as mulheres, de fato, ocupando grande parte do seu trabalho em cuidar dos filhos, assim, executam um papel de menor produtividade do que os homens [Tradução nossa].<sup>2</sup>

Nesse sentido, afirma-se que o homem tem um papel essencial em trabalhar e produzir para prover o seu sustento e de sua família, enquanto que a mulher tem o papel secundário de ocupar-se com a criação dos(as) filhos(as).

Após a primeira sociedade que se caracterizava pela caça e pesca, surgiu a formação de grupos sociais que se voltaram para criação de animais e ao cultivo de lotes de terra como meio de sobrevivência. Sendo assim, tem-se o aparecimento

---

<sup>1</sup> GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 6. ed. Tradução: Ronaldo Cantado Costa. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 91.

<sup>2</sup> “Ogni società umana presuppone qualche forma rudimentale di divisione del lavoro. Ma nel tipo più semplice di società [...] implica una divisione elastica di compiti tra i sessi: le donne infatti, essendo gran parte del loro tempo occupate ad allevare i figli, svolgono un ruolo meno produttivo degli uomini”. GIDDENS, Anthony. *Capitalismo e teoria sociale*. Trad. di: Capitalism and Moderns Social Theory. Milano: il Saggiatore, 1998. p. 59.

das primeiras sociedades pastoris, que se baseavam na criação do gado domesticado, tais como vacas, ovelhas, cabras e cavalos; enquanto que as sociedades agrárias praticavam a agricultura.

Na atualidade, é possível encontrar tanto as sociedades pastoris e agrárias, porém ambas possuem particularidades. Para Giddens, as sociedades pastoris gradativamente estão perdendo as características da vida tradicional que trazem de seus antepassados. Já as sociedades agrárias filiam-se a entidades políticas com o intuito de buscar apoio para garantir sua existência.<sup>3</sup>

A partir de 6.000 a.C até o século XIX, tem-se o nascimento das sociedades tradicionais. Pode-se dizer que foram as que apresentaram características diferenciadas das existentes até então. O autor comenta que a principal diferenciação desta sociedade foi o seu desenvolvimento através do surgimento das cidades e pelas conquistas por outros povos disseminados pelo mundo. Estas cidades eram dominadas por reis e imperadores e com isto iniciou-se a desigualdade entre os povos pelo poder e riqueza, determinados por seus soberanos.<sup>4</sup>

Cita-se como exemplo o Império Romano que conquistou a Grã-Bretanha até o noroeste da Europa, bem como o Oriente Médio através de guerras, batalhas e invasões. Dessa forma, pode-se dizer que a sociedade tradicional se desenvolveu nos países ocidentais, baseando-se principalmente na agricultura. Nas vilas e cidades que foram erguidas concentravam-se o comércio e a manufatura de produtos para garantir a necessidade de subsistência de seus moradores.

Julga-se correto dizer que a partir do século XVII na Europa iniciou-se a constituição das sociedades modernas ou industrializadas. Afirma-se, portanto, que as mudanças ocorreram de forma rápida e profunda, exigindo adaptabilidade do indivíduo nas esferas sociais, políticas e econômicas. Comenta-se como acontecimentos da época a Reforma Protestante, o Renascimento, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Segundo Chiavenato, a invenção da máquina a vapor e o uso de eletricidade na produção mecânica marcam o surgimento da Revolução Industrial que iniciou na Inglaterra.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> GIDDENS, 2012, p. 91.

<sup>4</sup> GIDDENS, 2012, p. 92.

<sup>5</sup> CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução à Teoria Geral da Administração*. 9. ed. rev. e atual. São Paulo: Manole, 2015. p. 36.

Ainda em relação às sociedades modernas, Giddens ressalta que “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes”.<sup>6</sup> Corroborando o autor, pode-se citar que na sociedade tradicional o predomínio era a agricultura enquanto que na sociedade moderna tem-se a indústria. Outra característica é que as comunidades tornaram-se urbanas. As pessoas passam a viver em cidades e não mais em vilarejos.

É relevante citar que nas sociedades tradicionais o coletivismo e a tradição eram característicos dessa forma de civilização. Enquanto isso, na sociedade moderna o individualismo predomina como característica de cada indivíduo. Em relação às sociedades modernas, o autor entende que o sistema político tornou-se mais sistêmico e intenso do que nas sociedades tradicionais, em função do desenvolvimento do transporte e das comunicações, trazendo rapidez nas informações a serem compartilhadas entre as comunidades.<sup>7</sup>

Levando em consideração as características mencionadas das sociedades modernas, pode-se afirmar que um aspecto fundamental que separa esta sociedade de qualquer outra existente anteriormente é o dinamismo. Conforme Giddens,

[...] o mundo moderno é um “mundo em disparada”: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores.<sup>8</sup>

Dessa forma, é pertinente citar três elementos que explicam o caráter dinâmico das sociedades modernas para Giddens:

1. Separação de tempo e espaço: civilizações passadas utilizavam calendários e mapas simples para calcular o tempo. Já nas sociedades modernas a invenção e propagação do uso do relógio mecânico foi o primeiro elemento a ser utilizado para esta separação;
2. Mecanismos de desencaixe: é composto pelas fichas simbólicas como as cédulas de dinheiro, e sistemas especializados (empresas, profissionais liberais, prestadores de serviços, entre outros). Os sistemas especializados

---

<sup>6</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991. p. 14.

<sup>7</sup> GIDDENS, 2012, p. 95.

<sup>8</sup> GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 22.

fazem parte da vida cotidiana do indivíduo, sendo necessário utilizá-los para compra de alimentos, medicamentos, transporte, tecnologia e outras especialidades; já as fichas simbólicas são utilizadas para pagar estes sistemas especializados que são necessários no dia a dia dos membros da sociedade moderna;

3. Reflexividade institucional: é a capacidade do ser humano em utilizar o conhecimento adquirido para viver socialmente, bem como usar esta consciência como elemento para sua evolução.<sup>9</sup>

Complementa-se mencionando que as ciências sociais exercem um papel fundamental na reflexividade da modernidade e desta maneira, não se limitam a “acumular conhecimentos” como ocorre com as ciências naturais. Sendo assim, pode-se afirmar que as sociedades humanas são objeto de estudo da Antropologia e da Sociologia, com ênfase nas Ciências Sociais a partir do surgimento das sociedades industrializadas. Segundo Della Torre, a sociedade é “uma realidade específica e natural, formada de indivíduos”.<sup>10</sup> Estes são criados no mesmo convívio familiar e com influências semelhantes. No entanto, para a autora “não existem na sociedade dois indivíduos iguais”<sup>11</sup>, mas sim com opiniões divergentes que interagem na sociedade e que podem pertencer a diferentes grupos étnicos e classes sociais. Ressalta-se que o respeito mútuo deve prevalecer para viverem em harmonia, respeitando o próximo e os membros de sua família.

Portanto, inclui-se na definição de sociedade o conjunto de pessoas que possuem relações sociais. Desta maneira convivem de forma ordenada, organizada e consciente, direcionadas a um objetivo em comum. É relevante comentar que os indivíduos podem definir padrões próprios em prol da continuidade e propagação de seus ideais perante os grupos sociais inter-relacionados.

É procedente que se compreenda também o conceito de grupo social, que leva em consideração Giddens. Este entendido como um conjunto de indivíduos que conseguem interagir uns com os outros de uma forma sistêmica. Uma característica dos grupos sociais é que os seus membros tenham consciência de uma identidade comum. Além deste particular, afirma-se também que na sociedade moderna o indivíduo é capaz de pertencer a diferentes tipos de grupos sociais, mas que se

---

<sup>9</sup> GIDDENS, 2002, p. 23-26.

<sup>10</sup> DELLA TORRE, Maria Benedita Lima. *O homem e a sociedade: uma introdução à sociologia*. 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976. p. 215.

<sup>11</sup> DELLA TORRE, 1976, p. 215.

direcionam para um pensamento em comum. Pode-se citar como exemplos de grupos sociais o grupo religioso de uma igreja, equipe de corredores de uma academia, o grupo de políticos que filiam-se ao mesmo partido. Estes grupos se formam por terem afinidades e por buscarem uma consciência grupal por compartilharem as mesmas ideias e pensamentos.

Afirma-se que os pensadores da Modernidade iniciaram seus estudos sobre as sociedades humanas na Sociologia, a qual faz parte das Ciências Sociais. A principal ênfase dos pensadores na Modernidade foi à industrialização. Devido às diversidades trazidas por esta atividade bem como o comportamento, conhecimento e a rapidez com que os indivíduos assimilaram estas mudanças. Estes elementos foram vitais para se obter entendimento sobre as sociedades humanas formadas até então.

Dessa forma, não há como dissociar a Modernidade e seus desafios nas sociedades humanas fazendo com que as instituições acadêmicas inserissem a Sociologia como disciplina no início do século XIX. Acredita-se que o principal motivo desta inclusão foi que o mundo estava ficando menor e globalizado em função da aproximação das nações, e o conhecimento das pessoas tornou-se pulverizado e disseminado pelos seis continentes.

## **1.2 O surgimento da Sociologia**

Nos dias atuais, vive-se em um mundo que está em constante transformação seja por conflitos políticos, religiosos, culturais, ambientais. Ou ainda por opiniões diversas nos grupos sociais. Acredita-se que é essencial ao ser humano entender e atualizar-se sobre essas mudanças e o que as mesmas poderão trazer para vida profissional e pessoal. Oportunidades, desafios e adversidades surgem a cada minuto e possuem a capacidade de mudar o destino do indivíduo numa fração de segundo.

Infortúnios, conflitos podem trazer questionamentos quanto ao futuro das sociedades, das condições de vida do ser humano, de suas famílias, bem como sobre suas convicções, valores e fé. Afirma-se que as questões relacionadas vão ao encontro de uma das principais preocupações da Sociologia: para Della Torre é o estudo científico dos seres humanos, suas interações sociais e o comportamento dos grupos, bem como as estruturas e a vida social. Complementa-se que para a



autora, a sociologia estuda os fatos relacionados à vida em sociedade e não somente da vida do indivíduo.<sup>12</sup>

A palavra sociologia deriva do latim *sócius* que tem como significado associação. A outra parte da palavra, *Logus*, deriva do grego e significa estudo. Levando em consideração a etimologia, a palavra Sociologia pode ser definida como o estudo das sociedades humanas e os fenômenos que relacionam os seres humanos em comunidades, associações e organizações. Giddens, por sua vez, afirma que as famílias passavam seus valores e princípios comportamentais de geração para geração segundo o que seus ancestrais ensinavam. Na Antiguidade, esses ensinamentos tinham relação com termos religiosos e a Igreja, pois antes da ciência moderna o ser humano acreditava que fenômenos naturais eram de responsabilidade dos deuses ou espíritos.<sup>13</sup>

Nesse sentido, acredita-se que a influência dos conceitos e crenças religiosas eram à base das famílias e de seus governantes até a contemporaneidade. Os acontecimentos históricos como guerras, doenças, nascimentos e mortes tinham suas razões por acontecer e a razão estava vinculada a igreja e a religião. Ainda segundo Giddens a origem da sociologia está alicerçada na Revolução Francesa e nas mudanças trazidas pela Revolução Industrial a partir do século XVIII na Europa. A transformação do modo de vida até então tradicional foi o ponto chave para estudiosos(as) desenvolverem uma nova compreensão e possíveis consequências dessa mudança no âmbito social, cultural, político e religioso.<sup>14</sup> Desta maneira, pensadores(as) da época foram instigados(as) a utilizar a ciência ao invés da religião para compreender o ser humano, o mundo e a maneira que a sociedade se estruturou.

A partir do século XIX, intelectuais iniciaram estudos no campo da sociologia em busca de conhecimento. Cita-se o autor francês Augusto Comte (1798 – 1857) como primeiro filósofo a utilizar o termo sociologia. Inicialmente, Comte usou o termo “física social” para explicar o novo campo de estudo. Porém, outros(as) pensadores(as) também estavam utilizando este termo e a intenção de Comte era diferenciar suas ideias dos demais. Com isso, ele criou o termo sociologia que tinha como objetivo reunir em uma única área os estudos realizados até então sobre a

---

<sup>12</sup> DELLA TORRE, 1976, p. 18.

<sup>13</sup> GIDDENS, 2012, p. 23.

<sup>14</sup> GIDDENS, 2012, p. 23.

humanidade, incluindo a economia, história e a psicologia. Comte afirmava que uma sociedade somente iria alcançar o progresso sendo organizada. Este pensamento estava vinculado a dois momentos que a Europa viveu: a Revolução Francesa em 1789, que teve como marco histórico o fim das monarquias e os antigos regimes agrários para prover os indivíduos dos seus direitos como cidadão e a industrialização, pois ambos provocaram mudanças nas vidas tradicionais das famílias europeias.<sup>15</sup>

Comte tentou desenvolver uma ciência da sociedade para explanar sobre as leis do mundo social, pois seu propósito era ajudar a planejar a sociedade para melhorar e garantir o bem-estar dos seres humanos. Assim, a sua premissa era de que a sociologia se transformasse em uma “ciência positiva” através do conhecimento científico. Portanto, Comte elaborou a corrente intitulada Positivismo, tendo embasamento na observação direta do mundo social com o intuito de desenvolver conceitos e previsões. Desta maneira, interceder positivamente na sociedade com seus ideais de ordem e progresso.

Para Comte<sup>16</sup>, a ciência permeia três estágios os quais fundamentou na sua obra intitulada *A Lei dos Três Estados*:

1. Estado Teológico no qual o pensamento era guiado por ideias religiosas e pela crença de que tudo está relacionado à vontade e existência de Deus;
2. Estado Metafísico aquele no qual ocorre a descrença em um Deus. A sociedade começou a ser compreendida em termos naturais e por suas vontades pessoais e não mais como eventos sobrenaturais (pela vontade dos deuses ou de um Deus);
3. Estado Positivo: a busca de respostas científicas levando em consideração o esclarecimento sobre a natureza e seus fatos. Pode-se afirmar que é a soma dos estados Teológico e Metafísico.

Para Comte, a existência do raciocínio apresentava-se conforme os estágios mencionados acima, e a vida social era introduzida no estado positivo e após, a sociologia como conhecimento final. Pode-se dizer que a visão dos três estágios apresentada por Comte foi inspiradora para outros(as) pensadores(as) que desenvolviam teorias de cunho social. Comte também cooperou para a criação de uma ciência da sociedade, porém não conseguiu introduzir sua teoria conforme

---

<sup>15</sup> GIDDENS, 2012, p. 24.

<sup>16</sup> GIDDENS, 2012, p. 24.

desejada. Sua determinação para firmar esta ciência da sociedade como um meio de profissionalização resultou na inserção da Sociologia como disciplina acadêmica.

Além de Augusto Comte, a sociologia teve outros pensadores clássicos, denominados por alguns autores como “Os Pais da Sociologia”: Emile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. Durkheim (1858-1917) foi um dos sucessores de Comte. Seus manuscritos tiveram maior relevância na sociologia moderna que os escritos de Comte. Mas Durkheim não se baseou totalmente na teoria de uma física social definida por seu predecessor. Acreditou como ideais e como principal objetivo da sociologia o estudo de fatos sociais. Neste sentido, ao invés de aplicar métodos sociológicos, a premissa deste sociólogo francês foram os aspectos cotidianos e as influências da economia, política, cultura, religião e da solidariedade social, levando em consideração a vida do indivíduo e da comunidade que está inserido.

Em 1893, na obra intitulada *Da Divisão do Trabalho Social* Durkheim apresentou dois conceitos para distinguir as formas de solidariedade encontradas na sociedade:

1. Solidariedade mecânica: são as chamadas sociedades primitivas que eram formadas por tribos ou clãs. Cada sociedade tinha um líder e este transmitia para o grupo os valores, princípios, e mesmo a religião a ser compartilhada entre esta sociedade. Através do alinhamento de valores determinados, o ser humano desempenhava sempre a mesma função, e por consequência a harmonia social imperava. Com isto, era garantida a subsistência necessária para o grupo. Por outro lado, caso existisse algum tipo de resistência ou discordância nas regras estipuladas, punição imediata e com violência eram características deste tipo de solidariedade.
2. Solidariedade orgânica: para Durkheim, esta solidariedade teve seu princípio na industrialização. Devido ao surgimento da divisão do trabalho, bem como o desenvolvimento de diferentes profissões e atividades industriais distintas, o ser humano começou a desempenhar funções especializadas e interdependentes, fazendo com que os indivíduos tivessem seus próprios valores, princípios e crenças.

Pode-se afirmar que este tipo é a que prevalece nas sociedades modernas por apresentar uma diferenciação nos seres humanos e sociedades existentes. Para Durkheim, [...] “a solidariedade mecânica liga os homens menos fortemente do que a

solidariedade orgânica, como também, à medida que avançamos na evolução social, ela vai se afrouxando cada vez mais.”<sup>17</sup>

Portanto, para o autor, a coesão social na solidariedade orgânica não está fundamentada nos valores, na tradição e crenças religiosas compartilhadas, mas sim em códigos e princípios de conduta estabelecidos, onde direitos e deveres de cada cidadão estão manifestados em um conjunto de normas jurídicas denominada Direito. Dessa forma, pode-se atribuir à Durkheim o reconhecimento de que a disciplina de sociologia foi necessária para oferecer uma formação sociológica acadêmica aos e as estudantes. Mucchielli cita que mesmo com as obras publicadas de Durkheim e o respeito adquirido pelo trabalho desenvolvido, a disciplina de sociologia demorou em obter o reconhecimento completo e a consagração acadêmica na época.<sup>18</sup>

Já o segundo pensador clássico da sociologia a ser citado é o filósofo e historiador Karl Marx (1818 – 1883). Marx atuou também como economista, teórico político e jornalista. Foi considerado um intelectual e revolucionário alemão pelos ideais e conceitos desenvolvidos através de suas obras publicadas. As pesquisas realizadas por Marx tinham como objetivo agregar conhecimento aos estudos feitos até então por Comte e Durkheim no que diz respeito às mudanças que a Revolução Industrial estava trazendo a sociedade. O contraponto com os pensadores Comte e Durkheim baseava-se na preocupação de Marx com as questões e problemas econômicos que a industrialização traria para as sociedades existentes, principalmente as desigualdades entre as classes sociais.

Neste sentido, Marx concentrou seus estudos iniciais nas mudanças que à industrialização poderia trazer para o desenvolvimento do capitalismo e o papel dos trabalhadores nesse ambiente. Para Giddens, o capitalismo pode ser definido como um sistema de produção completamente diferente de todos os demais sistemas econômicos praticados até então, pois o seu diferencial é a manufatura de bens e produtos que podem ser comercializados a um número ilimitado de consumidores.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*. 2. ed. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 133.

<sup>18</sup> MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914). *Revista Brasileira de História [online]*. São Paulo, v. 21, n. 41, p. 35-54, 2001. p. 47. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882001000200003&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200003&lang=pt)>. Acesso em: 02 ago. 2015.

<sup>19</sup> GIDDENS, 2012, p. 26.

Complementando, o capitalismo é um regime econômico onde a propriedade dos meios de produção é privada e com fins lucrativos, ou seja, é necessário ter resultado (margem de lucro) nos produtos manufaturados para gerar riquezas aos(as) donos(as) do negócio. Salienta-se que os investimentos normalmente são feitos pelos próprios detentores de bens de capital, não havendo aplicação de recursos por parte do governo.

Marx buscou compreender quais os movimentos poderiam ocorrer com a industrialização e juntamente com o seu colaborador Friedrich Engels propuseram uma teoria da origem econômica do Estado. Nesta afirmam que o poder exercido pelo Estado deriva da dominação econômica que o homem exerce sobre todos os outros. Desta forma, a nação é coautora daquilo que é determinado pela classe social exploradora e capitalista. Esta teoria intitula-se *Manifesto do Partido Comunista*, que foi elaborada por Marx e Engels em 1848, na cidade de Londres, Inglaterra, tendo a participação de comunistas de diversas nacionalidades. Para Chiavenato esta obra afirma que “a história da humanidade é uma história da luta de classes”.<sup>20</sup> As classes citadas pelo autor englobam camponeses, senhores feudais, escravos, artesãos, nobres, homens livres, burgueses, trabalhadores. Entende-se que a história humana é marcada pelo embate travado entre as diferentes classes citadas.

A obra de Marx e Engels intitulada *Manifesto do Partido Comunista*<sup>21</sup> contempla quatro capítulos subdivididos da seguinte forma:

1. “Burgueses e Proletários” é o primeiro capítulo e nos leva a narrativa de como nasceram os burgueses, de que maneira foram ganhando espaço na Idade Média, passando pelo descobrimento da América até a chegada da industrialização;
2. O segundo capítulo “Proletários e Comunistas”, relata quais são as diferenças entre as ideias e a luta de classe existente entre comunistas e proletários;
3. O terceiro capítulo “Literatura socialista e comunista” é composto por análises e críticas a três tipos de socialismo citados no Manifesto:

---

<sup>20</sup> CHIAVENATO, 2015, p. 32.

<sup>21</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido Comunista*. Tradução de Victor Hugo Klagsbrunn. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999. p. 21

3.1 Socialismo reacionário: pode-se afirmar que este socialismo tinha como objetivo fazer com que a burguesia conquistasse a simpatia do proletário e também procurava manter as relações de produção e troca.

3.2 Socialismo burguês ou conservador que tinha como característica ser reformador e contra revolução;

3.3 Socialismo e o comunismo crítico-utópicos - tinham como premissa modificar a sociedade através dos bons exemplos da burguesia e também mediante a boa vontade, solidariedade. A principal característica era não usar de lutas políticas para alcançar aquilo que era almejado.

4. O último capítulo “Posição dos comunistas diante dos diversos partidos de oposição” tem como destaque o posicionamento dos comunistas em países como França, Suíça, Alemanha e Polônia, bem como o ponto de vista em relação à propriedade privada.

Ressalta-se a última frase citada no livro como sendo célebre, pois transmite união e motivação para a classe em questão: “Proletários de todos os países, unidos!”<sup>22</sup>

Os seguidores da obra de Marx e Engels denominam-se marxistas, e tem como premissa que a economia é o motor propulsor da história. Em razão disto, os autores afirmam que o proletariado é prejudicado, pois a classe capitalista explorava a classe operária para produzir riqueza utilizando a mão de obra dos pobres. Portanto, a intenção era de que a classe operária tivesse a capacidade de lutar pela liberdade através da união e da luta do proletariado em busca da liberdade, fazendo com que um novo sistema político fosse estabelecido: o comunismo. Este socialismo científico apresentado por Marx e Engels nos remete a crer que os burgueses buscavam usufruir da força e capacidade de produzir dos proletariados (trabalhadores), pois estes necessitavam trabalhar para sustentar a si mesmo e aos seus.

Ainda para os autores, o estágio final do marxismo é o comunismo, que compreende a fase em que se extinguem as diferenças entre as classes sociais existentes, bem como o término da propriedade privada. Para Marx e Engels o comunismo deveria ter sido implantado progressivamente pelos cinco continentes. Desta forma, os trabalhadores não continuariam sendo explorados e prejudicados

---

<sup>22</sup> MARX; ENGELS, 1999. p. 41.

pela classe empresarial da época, que visava somente o lucro nas firmas constituídas a partir da industrialização.

O terceiro pensador a ser comentado é Max Weber (1864 – 1920), que foi um renomado sociólogo alemão. Seus trabalhos agregavam outras áreas de atuação como a economia, direito, filosofia e história. Mattedi salienta que Weber contrapõe em seu trabalho a relação entre capitalismo moderno e o tradicionalismo econômico [...], bem como de que maneira a sociedade moderna se diferenciou dos modelos de comunidades sociais existentes em outros períodos da história, principalmente as sociedades tradicionais.<sup>23</sup>

Levando em consideração que a Modernidade teve como característica crescente participação no surgimento do capitalismo, por outro lado, a tradição continuou perpetuando-se, de acordo com Mattedi, “mesmo com considerável racionalização da ação, a influência exercida pela orientação tradicional permanece relativamente importante”.<sup>24</sup> Pode-se dizer que Weber foi influenciado por Marx, mas, no entanto, teve sua própria criticidade em relação às principais teorias desenvolvidas por Marx. Na concepção de Weber, a economia é um fator importante. Porém, valores e ideias também causam impacto nas mudanças sociais. Na sua principal obra intitulada *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904), Weber argumenta que valores religiosos eram fundamentais para vislumbrar um horizonte capitalista.

Giddens cita o termo espírito do capitalismo como sendo um conjunto de valores e crenças que surgiu na industrialização, pois o objetivo dos industrialistas era acumular riquezas pessoais. Não tinham a intenção de ostentar luxo e riqueza, o que almejavam era reinvestir seus recursos nas próprias empresas que fundaram, com o intuito de expandir as operações já existentes.<sup>25</sup>

Entende-se ainda sob a perspectiva do pensamento de Giddens que a essência da teoria de Weber está alicerçada na religião. Tem-se o cristianismo como o promotor deste enfoque, mas salienta-se que foi o protestantismo através do

---

<sup>23</sup> MATTEDI, Cécile Raud. A construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online]. São Paulo, v. 20, n. 57, p. 127-142, 2005. p. 131. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092005000100008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000100008&lang=pt)>. Acesso em: 02 ago. 2015.

<sup>24</sup> MATTEDI, 2005, p.131.

<sup>25</sup> GIDDENS, 2012, p. 72.

puritanismo a força motivacional e essencial dos primeiros capitalistas na América do Norte, região onde Weber desenvolve sua análise.

Julga-se correto dizer que o Calvinismo foi ao encontro dos pensamentos dos capitalistas puritanos e que para Weber as doutrinas calvinistas foram a origem do espírito do capitalismo. Cita-se como uma das doutrinas calvinistas a predestinação, a qual afirmava que determinados indivíduos eram “eleitos” para entrar na vida eterna. E ainda que a riqueza e a prosperidade material designava quem havia sido um dos “eleitos”. Complementando, para os capitalistas puritanos a ostentação não era bem vista e o propósito era levar uma vida simples e modesta, o que nos remete ao termo espírito do capitalismo e valores religiosos.

Ainda em relação a Weber, é pertinente que se compreenda o sentido da palavra valor, levando em consideração o que está relacionado à religião. May define valor como um “complexo de ideias”. Difícil de ser conceituado, mas que é assimilado como condição *sine qua non* para viver corretamente e em harmonia nas sociedades. Além disso, tem a missão de servir como “guia” para compreender o sentido da vida. Está incorporado às necessidades voltadas ao estado social, psíquico e físico do indivíduo. O valor nasce culturalmente, pois não está na carga genética do ser humano, faz parte do universo simbólico de um grupo social. Para finalizar, pode adotar uma dimensão transcendental como parte integrante de uma comunidade.<sup>26</sup>

Relaciona-se ainda os valores religiosos como algo essencial para a convivência em comunidade, para administrar a vida profissional, pessoal e social, bem como ao que tange à qualidade de vida e a conduta do indivíduo. O “espírito do capitalismo” apresentado por Weber sugeriu que ideias religiosas exerciam influência na origem do capitalismo, pois até então nenhum outro autor havia abordado esta perspectiva, somente aquelas que se baseavam no senso comum, na experiência adquirida ao longo da vida.

Dessa forma, pode-se dizer que Marx e Weber desenvolveram interpretações diversas no que se refere à industrialização, economia, política e as sociedades modernas.

---

<sup>26</sup> MAY, Roy. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2008. p. 78.



**Quadro 1 - Marx e Weber sobre a formação do mundo moderno**

IDEIAS MARXISTAS	IDEIAS WEBERIANAS
A principal dinâmica do desenvolvimento moderno é a expansão dos mecanismos econômicos capitalistas.	A principal dinâmica do desenvolvimento moderno é a racionalização da produção.
As sociedades modernas são formadas por desigualdades de classes, que são inerentes à sua própria natureza.	A classe é um tipo de desigualdade entre muitas. Tem-se como exemplo as desigualdades entre homens e mulheres nas sociedades modernas.
As grandes divisões do poder, como as que afetam as diferenças entre homens e mulheres, derivam das desigualdades econômicas.	O poder no sistema econômico pode ser separado de outras fontes. Como exemplo, as desigualdades entre homens e mulheres não podem ser explicadas em termos econômicos.
As sociedades capitalistas poderão se reorganizar no futuro. O socialismo poderá substituir o capitalismo.	Todas as sociedades modernas dependem dos mesmos modos básicos de organização social e econômica.
A influência Ocidental em todo o mundo deriva das tendências expansionistas das empresas capitalistas.	O impacto global do Ocidente deve-se ao fato de dominar os recursos industriais, juntamente com o poderio militar superior.

Fonte: GIDDENS, 2012.

Segundo o Quadro n. 1 Marx afirmava que através do capitalismo a indústria iria expandir-se por todos os países, baseando-se na influência das empresas ocidentais.<sup>27</sup> Que as divisões e diferenças de classes e poder tiveram sua origem nas desigualdades econômicas oriundas no capitalismo. Por outro lado, Weber argumenta que a economia é um dos fatores que fazem parte do desenvolvimento social. Contudo, não é o principal. Na sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber cita fatores não econômicos como fundamentais. Dentre os citados estão os valores religiosos e a racionalização que, conforme Giddens, é a organização da vida social e econômica, levando em consideração os princípios da eficiência e tendo como base o conhecimento técnico.<sup>28</sup>

Já Durkheim contribuiu com textos relacionados aos fatos e a vida social como uma preocupação da sociologia, bem como as mudanças que a industrialização estava trazendo para a sociedade em geral. Compreende-se, portanto, que Marx, Weber e Durkheim deram suas contribuições para a sociologia sob diferentes pontos de vista. Conseguiram, dessa forma, ajudar na formação do mundo moderno.

A principal contribuição de Marx foi afirmar que mudanças nas organizações iriam basear-se em conflitos que estariam inerentes à sociedade em geral. Este pensamento sociológico nos remete a “Teoria do Conflito” que se concentra nas

<sup>27</sup> GIDDENS, 2012, p. 79.

<sup>28</sup> GIDDENS, 2012, p. 78.

divisões da sociedade como poder, desigualdade e luta. Já Weber colaborou para a compreensão da perspectiva sociológica no que refere-se à natureza da mudança e da desigualdade social. Também em relação à economia e no conhecimento técnico adquirido e nos valores que tiveram impacto nas diversidades sociais.

Finalmente, pode-se dizer que Durkheim transformou a sociologia em ciência através do estudo de fatos sociais e analisando a vida e a sociedade em geral. Fez isto com ênfase na economia, religião, aspectos culturais e as ações do ser humano como indivíduo e como ser social. Também examinou os grupos sociais formados por estes indivíduos em relação aos modos de agir, pensar e na identidade própria criada como sociedade humana.

Em relação à sociologia pode-se dizer que o campo de estudo é amplo, pois visa analisar comportamento de indivíduos pertencentes ao mesmo grupo social, cultural, a mesma religião até de diferentes dogmas. Por outro lado, relaciona e entende a economia, história, política, religião numa forma globalizada. É pertinente comentar que a sociologia evidencia que é possível ter uma visão ampla do sentido da vida e compreender porque agimos em determinadas situações e como agimos em outras circunstâncias. Isto estimula a curiosidade em compreender o próprio comportamento social e humano perante a vida e o que está relacionado a ela. E há ainda, os ensinamentos e valores passados pela tradição.



## 2 PRINCÍPIOS ÉTICOS

Neste capítulo, são abordadas as principais teorias éticas desenvolvidas a partir da antiguidade, bem como desenvolvimento histórico e conceitos relacionados à ética e moral. Em complemento, os temas valores humanos e cristãos também são abordados.

### 2.1 Teorias éticas

Pode-se afirmar que as teorias éticas surgem e se desenvolvem em diferentes períodos da história e da sociedade humana, pois segundo Vásquez [...] elas nascem “como respostas aos problemas básicos apresentados pelas relações entre os homens [...] e pelo seu comportamento moral afetivo.”<sup>29</sup> Nesse sentido, as teorias éticas relacionam-se com a moral, pois buscam explicar por que existe a moral, por qual motivo o ser humano a utiliza para conduzir a sua vida pessoal, profissional e em comunidade.

Cortina e Martínez afirmam que as teorias éticas são embasadas sob os mesmos conceitos, pois não é possível dissociar moral das palavras valores, bens, felicidade, razão, deveres, virtudes, etc.<sup>30</sup> É relevante comentar que os primeiros estudos sobre teorias éticas começaram a ser escritos pelos filósofos do primeiro período (os pré-socráticos). Estes tinham uma preocupação com os problemas do homem, bem como os relacionados à política e a moral.

Cita-se os sofistas como antecessores das teorias éticas, pois em seus ensinamentos consideravam-se mestres da virtude e acreditavam que a virtude era algo que poderia ser melhorada através do aprendizado. Dessa maneira, os políticos da época buscavam na doutrina sofista a forma de utilizá-la para administrar a política e a gestão dos assuntos públicos. Outra característica dos sofistas é a de que eram mestres em ensinar a arte de convencer ou a chamada arte de bem falar. É pertinente comentar a existência de uma diversidade de princípios éticos, como os que englobam as éticas da era do “ser”, as éticas da era da “consciência” e as éticas da era da linguagem. As teorias da era do “ser” são compostas pelos primeiros filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino.

---

<sup>29</sup> VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 30. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 267.

<sup>30</sup> CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emilio. *Ética*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010. p. 51.

Sócrates defendia em seus ensinamentos que o essencial era conhecer o que estava relacionado ao homem e também o que se referia à busca do verdadeiro bem. Considera-se, portanto, que para Sócrates a verdadeira virtude é algo vital e que a mesma está dentro do homem. Acrescenta-se ainda que para entender e conhecer a essência do ser humano é necessária uma introspecção, autocrítica para obter conhecimento sobre si mesmo. Diante do exposto, acredita-se ser relevante citar a frase célebre de Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo”. Segundo Vásquez, esta “máxima” é caracterizada por três elementos: é um conhecimento válido e assim vai contra as virtudes apresentadas pelos sofistas; é um discernimento moral e por último um conhecimento através da prática.<sup>31</sup>

Entende-se que para Sócrates a ética aplicada pelo homem deve ser formada pelo conhecimento, pela bondade, virtude e felicidade. Complementa-se ainda que o ser humano somente irá agir corretamente conhecendo e praticando o bem. Sócrates teve como seu discípulo Platão, o qual aplicou os conceitos ensinados por ele no que se refere à moral. Para Platão, a moral deve fazer parte tanto da vida cotidiana do indivíduo, bem como da comunidade a qual pertence. Baseando-se nas reflexões de Platão a interação entre sociedade e indivíduo tem a intenção de trazer a felicidade e fazer o bem. Contudo, Cortina e Martínez salientam que o ser humano somente será feliz se a comunidade a qual está inserido é organizada.<sup>32</sup>

Para alcançar a harmonia, felicidade e organização desejada Platão defendia a criação de uma estrutura específica para o Estado, que teria como objetivo orientar a ética, a razão e a moral dos indivíduos inseridos neste contexto. Nesse sentido, Platão esboçou um Estado denominado *A República*, que tinha como objetivo representar a alma humana. Assim, o Estado de Platão seria constituído por três dimensões que fazem parte da alma humana. A primeira é a razão que foi denominada a classe dos governantes e que tinha como função administrar e organizar a cidade. A coragem é a capacidade de tomar decisões e é formada pelos guardiões ou defensores, que defendiam a cidade dos invasores. E por último, o apetite que, para Platão, tem como significado a moderação e a parcimônia. Esta dimensão é formada pelos produtores, também chamados de camponeses e artesãos que eram subordinados aos governantes (razão) e responsáveis pelos

---

<sup>31</sup> VÁSQUEZ, 2008, p. 269.

<sup>32</sup> CORTINA; MARTÍNEZ, 2010, p. 55.

trabalhos de força, bem como pela produção de materiais destinados ao consumo da cidade.

Verifica-se que no modelo apresentado por Platão cada classe determinada em *A República* tem obrigações e virtudes específicas, e que cada indivíduo através do êxito no desempenho de suas capacidades intelectuais e físicas tem participação na dimensão a qual pertence. Nesse sentido, encontra a felicidade e o verdadeiro bem indo de encontro à teoria ética defendida por Platão. Boto argumenta que para Platão a virtude era considerada uma vocação que o ser humano deveria ter. Já para Aristóteles, discípulo de Platão, a Boto afirma que a virtude seria uma disposição que o indivíduo desenvolve em função da força do hábito. Neste sentido, Aristóteles entende que o modelo apresentado por Platão não é o único meio de alcançar a felicidade, mas que a experiência, o convívio social e a habilidade em lidar com diferentes situações nos remete a palavra virtude.<sup>33</sup>

Assim sendo, Vásquez identifica duas classes de virtudes classificadas por Aristóteles: as dianoéticas ou intelectuais. Elas estão ligadas a parte racional do homem e pode-se citar como exemplo sabedoria, inteligência, prudência e técnica. E a virtude do caráter ou ética que está atribuída na parte irracional do homem, ou seja, a coragem, moderação, pudor, amabilidade, bom humor, justiça, doçura.<sup>34</sup>

Para Aristóteles, a virtude significa encontrar discernimento e equilíbrio entre à virtude intelectual e a ética. Pode-se citar como exemplos a covardia e a coragem, a justiça e o egoísmo. Dessa forma, é pertinente que se perceba que para o filósofo grego Aristóteles a principal virtude é a prudência. Segundo Cortina e Martínez, a prudência é a verdadeira “sabedoria prática que [...] nos permite deliberar corretamente, mostrando-nos o mais conveniente em cada momento para nossa vida.”<sup>35</sup>

Complementa-se ainda que pessoa virtuosa é aquela mobilizada em fazer o bem, que almeja uma vida boa, equilibrada, harmoniosa e feliz. Ainda em relação à virtude La Taille evidencia que esta é de grande importância para os homens, pois é através da virtude que o homem faz uma autocrítica e também dos outros, emoldurando referências para possibilitar que cada um se entenda como ser

<sup>33</sup> BOTO, Carlota. Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. *Revista Educação & Sociedade* [online]. São Paulo, Ano XXII, n. 76, p. 121-146, 2001. p. 126. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302001000300008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300008&lang=pt)>. Acesso em: 08 ago. 2015.

<sup>34</sup> VÁSQUEZ, 2008, p. 272-273.

<sup>35</sup> CORTINA, MARTÍNEZ, 2010, p. 59.

humano.<sup>36</sup> Considerando o autor afirma-se que a busca pela harmonia, felicidade e equilíbrio nos remete ao conceito de ética definida por Aristóteles. A ética aristotélica é a busca da felicidade da vida humana. Esta ética pertence ao chamado grupo de éticas eudemonistas que tem na conquista da felicidade o objetivo da vida humana.

Acredita-se ser importante citar outro grupo de ética denominada hedonista. Esta doutrina também crê que a felicidade é objetivo da vida humana, mas a consideram como uma satisfação de caráter prazeroso. Cita-se como ética hedonista, a doutrina de Epicuro de Samos, denominada de epicurismo. Em relação a moral, o epicurismo é a busca da felicidade levando em consideração o prazer, na medida em que é necessário conhecer o que propicia maior prazer e menor sofrimento ao ser humano. Para Spinelli, o epicurismo significa que o prazer é o princípio e o fim da felicidade para o homem, ou seja, é princípio porque a felicidade ocorre quando se tem prazer e é o fim quando acaba o prazer; e por consequência termina a felicidade também.<sup>37</sup>

Considera-se relevante apresentar a ética cristã medieval que se estabeleceu na Europa no fim do Império Romano e início da Idade Média com o fim da sociedade antiga existente. A escravidão está nos seus últimos momentos. O sistema feudal inicia sua formação onde a religião passa ter grande importância, pois a política valida suas decisões com os representantes religiosos, pela razão de a religião exercer poder espiritual sobre políticos e governantes, bem como o conteúdo que está relacionado à ética e a doutrina moral.

Para Vásquez, a ética cristã “é um conjunto de verdades reveladas a respeito de Deus, das relações do homem com o seu criador e do modo de vida prático que o homem deve seguir para obter a salvação no outro mundo.”<sup>38</sup> Cita-se que Deus é o criador do homem e do mundo que o cerca. O homem é ainda concebido como criatura de Deus. Desta maneira, o Criador exige obediência e o homem deve submeter-se a seus mandamentos no mundo humano e terreno.

---

<sup>36</sup> LA TAILLE, Yves. Para um estudo psicológico das virtudes morais. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 109-121, 2000. p. 111. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022000000200008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000200008&lang=pt)>. Acesso em: 09 ago. 2015.

<sup>37</sup> SPINELLI, Miguel. O conceito epicurista de Kritêrion vinculado ao de Enargeías e de Kanôn. *Kriterion, Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais*. Minas Gerais, n. 125, p. 59-80, 2012. p. 74. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2012000100004&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2012000100004&lang=pt)>. Acesso em: 09 ago. 2015.

<sup>38</sup> VÁSQUEZ, 2008, p. 276.

Complementa-se ainda, que na ética cristã o homem não mais se submete ao Estado ou a comunidade, mas sim a Deus, pois a moral e o comportamento devem ser o objetivo primordial bem como a felicidade e o amor como contemplação de Deus. Para o filósofo e teólogo Santo Agostinho, a moral são orientações que tem como objetivo ajudar o homem a buscar a felicidade segundo Cristo anunciou no Evangelho, pois se deve desfrutar do amor e felicidade com Aquele que nos criou e permitiu nosso livre arbítrio neste mundo. Cortina e Martínez afirmam que a verdadeira moral está nos ensinamentos que Jesus Cristo nos confiou em suas palavras e obras, que podem ser descritos segundo Jesus recomenda em Mateus 22, 37-38: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento”. Esse é o primeiro e principal mandamento.

Ainda em Mateus 22.39 Jesus cita o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.<sup>39</sup> Encontra-se, portanto, nos mandamentos de Jesus uma ética que permite o homem a encontrar a fé religiosa. A mesma refere-se a moral, no qual os mandamentos sinalizam que o caminho da autêntica felicidade é passível de acontecer para qualquer pessoa, independente de raça e classe social a qual pertença.

Por outro lado, é relevante citar o teólogo cristão Tomás de Aquino como um dos admiradores da obra aristotélica, e que através dos escritos de Aristóteles, elaborou sua teoria ética. Gessinger comenta que, “a distinção rigorosa entre razão e fé”<sup>40</sup> era uma característica de Tomás de Aquino. Desta maneira, pode-se afirmar que o teólogo defendia que somente em Deus o homem é capaz de encontrar o verdadeiro propósito de sua existência pela fé. Por outro lado, Tomás de Aquino referenciou a ética eudemonista considerando a felicidade o fim último do ser humano, pois a moral existe por que o ser humano busca a felicidade plena. Julga-se correto dizer que a partir do século XVI até meados do século XIX um novo estágio em relação à ética foi disseminado. É possível relacionar as guerras entre religiões e a revolução científica como acontecimentos históricos bem como a crise cultural vivida como fator que contribuiu para o surgimento da filosofia moderna.

Ressalta-se que até então a preocupação dos filósofos estava em questionar sobre o “ser” levando em consideração a relação sobre o ser do homem e das

---

<sup>39</sup> BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

<sup>40</sup> GESSINGER, Rafael Koerig. *A coragem segundo Tomás de Aquino*. Porto Alegre: Editora Universitária da PUCRS, 2015. p. 23.



coisas. Em função das guerras e crises ocasionadas afirma-se que a centralidade dos estudos direcionou-se para assuntos tocantes a moral e a consciência humana, iniciando o período das chamadas éticas da era da “consciência”. É relevante comentar que o papel da razão pelo ponto de vista tradicional teve sua participação reduzida nessa nova etapa, mas muitos autores continuaram incluindo a razão nas teorias desenvolvidas.

Em relação à ética da consciência, Conte cita David Hume como o primeiro filósofo a introduzir uma teoria relacionada ao sentimento, deixando de lado a razão como fonte de moralidade. Segundo o autor, Hume considera as ações do indivíduo como ponto principal dos sentimentos morais que são publicamente úteis.<sup>41</sup> Corroborando o autor, acredita-se que de acordo com as ações que o ser humano praticar o sentimento a ser manifestado poderá aumentar ou diminuir a utilidade. Ou seja, alcançará um sentimento de felicidade plena do indivíduo ou tristeza em função das adversidades e desgraças enfrentadas.

Nesse sentido, Cortina e Martínez salientam que a moralidade não é apenas uma circunstância, mas um conjunto de sentimentos subjetivos de qualidades agradáveis ou desagradáveis que aflora no ser humano quando vivencia fatos concretos e objetivos.<sup>42</sup> Evidencia-se, portanto, que a felicidade, o desejo, a prosperidade, alegria, desaprovação, infidelidade e mesmo a infelicidade fazem parte do sentimento. Para Hume, as ações do ser humano são ocasionadas em virtude das paixões e sentimentos e desta maneira as funções morais estão relacionadas ao sentimento.

Já Immanuel Kant, filósofo alemão que viveu, trabalhou e morreu na cidade de Königsberg (Alemanha), demonstrou através de seus estudos que a moral dificilmente possuía conexão com a felicidade. Até então para filósofos como Hume a felicidade estava interligada a moral. Para Kant, a ação moral é caracterizada pelo senso de dever. O indivíduo não deverá fazer aquilo que quer e quando quer. Para

---

<sup>41</sup> CONTE, Jaimir. Sobre a natureza da teoria moral de Hume. *Kriterion*, Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Minas Gerais, n. 113, p. 131-146, 2006. p. 133. Disponível em: <[http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=jaimir+conte&index=&where=SCL&search\\_form\\_submit=Pesquisar](http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=jaimir+conte&index=&where=SCL&search_form_submit=Pesquisar)>. Acesso em: 12 ago. 2015.

<sup>42</sup> CORTINA, MARTÍNEZ, 2010, p. 66.

Hamel, levando em consideração Kant, a ação é realizada por dever e o motivo desta ação é o respeito pelo próprio dever.<sup>43</sup>

Assim, pode-se afirmar que para Kant a moral é uma doutrina e que as ações humanas devem ser praticadas por dever, onde cada indivíduo deve agir segundo os princípios que ele quer compartilhar com os demais seres humanos. Segundo Dias, esta prática é derivada da razão e foi definida por Kant como imperativo categórico.<sup>44</sup> Na obra de Kant intitulada *A Metafísica dos Costumes*, o autor conceitua imperativo categórico como uma obrigação, que age em uma base máxima, que também passa a ter validade como uma lei universal.<sup>45</sup> Exemplifica-se, portanto, como imperativos categóricos as incondicionais: “diga sempre a verdade”; “cumpra aquilo que prometeste”, “preste auxílio a quem necessita ajuda”.

É procedente comentar que os imperativos categóricos vão ao encontro da preservação e cuidado do ser humano, incluindo a si próprio, pois para Kant as pessoas são um valor absoluto. Além disso, pode-se dizer que se caracteriza pela vivência entre os seres humanos e as experiências adquiridas pelos mesmos. Ou seja, está presente na vida cotidiana das pessoas e por consequência está vinculada a moral, pois a moralidade e o respeito aos valores estão nas entrelinhas do cumprimento e práxis do imperativo categórico.

Para Cortina e Martínez, o utilitarismo é uma renovação do hedonismo clássico através de um caráter social que estava ausente no epicurismo.<sup>46</sup> Portanto, o utilitarismo visa buscar o prazer considerando os sentimentos sociais de cada indivíduo. Destaca-se a simpatia como característica que possibilita aos demais seres humanos alcançarem este prazer.

O utilitarismo teve como fundador Jeremy Bentham e seu seguidor Stuart Mill. No pensamento utilitário de Bentham, a teoria moral estava interligada a felicidade e sofrimento. Nesse sentido, pode-se dizer que para o autor o ser humano

<sup>43</sup> HAMEL, Márcio R. Da ética kantiana a ética habermasiana: implicação sóciojurídicas da reconfiguração discursiva do imperativo categórico. *Revista Kátal*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 164-171, 2011. p. 167. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802011000200003&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802011000200003&lang=pt)>. Acesso em: 28 ago. 2015.

<sup>44</sup> DIAS, Maria Cristina Longo Cardoso. O Direito e a Ética em Bentham e Kant: uma comparação. *Revista Trans/Form/Ação*, Marília, v. 38, n. 1, p. 147-166, 2015. p. 148. Disponível em: <[http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=maria+cristina+cardoso+dias&index=&where=SCL&search\\_form\\_submit=Pesquisar](http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=maria+cristina+cardoso+dias&index=&where=SCL&search_form_submit=Pesquisar)>. Acesso em: 18 ago. 2015.

<sup>45</sup> KANT, Immanuel. *A Metafísica dos Costumes*. Tradução de Edson Bini. 1. ed. São Paulo: EDIPRO – Edições Profissionais Ltda, 2003. p. 67-68.

<sup>46</sup> CORTINA, MARTÍNEZ, 2010, p. 75.

deve sempre priorizar e querer o seu próprio bem-estar para amenizar o sofrimento. Na obra *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation* Bentham define que “nature has placed mankind under the governance of two sovereign masters, pain and pleasure”.<sup>47</sup> Tradução livre: “a natureza colocou a humanidade sob o governo de dois senhores soberanos, dor e prazer”.

Bentham em sua teoria afirma que a dor e o prazer são responsáveis pelas decisões que o indivíduo irá tomar e de que maneira irá executá-las. A consequência de suas ações é o discernimento entre o certo e o errado. As causas e efeitos em função das ações tomadas. Percebe-se, portanto, que para Bentham o utilitarismo deve ser confrontado e medido, ou seja, dois pesos duas medidas. Já seu sucessor Mill refuta o conceito de Bentham e comenta que o prazer deve levar em consideração a primazia, principalmente no que tange aos prazeres intelectuais e morais.

Segundo Cortina e Martínez, os seguidores do utilitarismo fizeram uma distinção na teoria de Bentham no que tange à filosofia moral. O utilitarismo do ato julga diferentes ações segundo as consequências previsíveis para cada alternativa. Já o utilitarismo da regra sugere ajustar as ações conforme as regras habituais, pois estas já são consideradas morais por já terem evidenciado sua utilidade geral pelas consequências.<sup>48</sup>

Em relação à ética da era da linguagem cita-se Friedrich W. Nietzsche como estudioso dos conceitos morais. Em sua obra *Além do bem e do mal* (1886) o autor faz um estudo histórico e psicológico sobre a moral, levando em consideração os conceitos morais defendidos pelos filósofos até então. A partir disso, Nietzsche elaborou a história natural da moral sob o seu ponto de vista, distanciando-se dos conceitos e teorias desenvolvidas até então pelos autores que afirmam que a moral é algo dado naturalmente. Assim, Nietzsche fez um estudo vinculado em determinar a hierarquia dos valores.

Portanto, considera-se relevante abordar os três períodos da história humana que Nietzsche cita em sua obra. O primeiro período é chamado “pré-moral”. Segundo Nietzsche, a também chamada pré-história foi o “maior período da história

---

<sup>47</sup> BENTHAM, Jeremy. *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*. Oxford: Clarendon Press, 1907. p. 4. Disponível em: <<http://www.econlib.org/library/Bentham/bnthPML1.html#Chapter%20I,%20Of%20the%20Principle%20of%20Utility>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

<sup>48</sup> CORTINA, MARTÍNEZ, 2010, p. 76.

da humanidade”. A principal característica desse período foi valorizar uma ação humana segundo suas consequências.<sup>49</sup> Já no segundo período denominado de moral comenta-se que o valor está relacionado às causas e não mais as consequências das ações. Nietzsche argumenta que esta é a primeira etapa para o ser humano conhecer a si mesmo, pois busca-se encontrar a origem do valor e não mais o seu desfecho final. Finalizando, cita-se o terceiro período chamado de extramoral. Neste o valor decisivo de uma ação deriva do que não é intencional. Salienta-se que Nietzsche intitulou-se imoralista e também aqueles que compartilharam essa sua visão crítica, pois para Nietzsche “as intenções são um preconceito que deve ser superado na “auto-superação da moral”.<sup>50</sup>

Levando em consideração a hierarquia de valores de Nietzsche e a história humana acredita-se que o indivíduo não quer apenas sobreviver na comunidade a qual pertence. O ser humano quer criar valores, ter poder e dar sentido a sua vida através da participação ativa no mundo. Nesse contexto, o indivíduo é capaz de criar as condições de potência conceituadas por Nietzsche. Julga-se correto dizer que esse conceito está relacionado ao ser humano, permitindo a individualidade na construção da vida, a possibilidade do ter e o ser para alcançar a autorrealização. Conclui-se que para Nietzsche, a moral não é seguir regras por dever como Kant definiu, mas aceitar as pessoas e sua individualidade.

A partir de 1900, encontra-se os pensadores G. E. Moore e R. M. Hare como estudiosos que buscaram uma reflexão ética tendo como ponto central a linguagem. Desta forma tem-se o emotivismo e o prescritivismo como teorias relacionadas à ética. Afirma-se que o emotivismo de Moore esclarece as questões essenciais da ética através da linguagem moral e apresenta a definição do termo “bom”. Para Brito, a definição de bom de acordo com Moore é aquilo que [...] “deve ser tomado como indefinível.”<sup>51</sup> Concordando com o autor acredita-se que o termo “bom” nos remete para algo que é intuitivo, e, portanto, não é visível. Assim, o emotivismo de Moore apresentou obstáculos por não conseguir explicar a argumentação moral que continuou existindo através da intuição ética. Em relação ao prescritivismo, pode-se

---

<sup>49</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Márcio Pugliesi. Curitiba: 2001. p. 44.

<sup>50</sup> NIETZSCHE *apud* CORTINA; MARTÍNEZ, 2010, p. 80.

<sup>51</sup> BRITO, Adriano Naves. Falácia Naturalista e Naturalismo moral: do É ao deve mediante o quero. *Kriterion, Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais*. Minas Gerais, n. 121, p. 215-226, 2010. p. 217. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2010000100011&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2010000100011&lang=pt)>. Acesso em: 28 ago. 2015.

dizer que Hare afirma que linguagem moral é uma linguagem valorativa. Ou seja, deve-se considerar o que é possível alcançar e fazer utilizando a linguagem valorativa e não o que é possível conseguir através dela.

Considera-se pertinente comentar a ética do discurso de Habermas, que surgiu por volta de 1970 e buscava através do diálogo com a sociedade levar os valores de justiça, solidariedade e liberdade para os indivíduos. A ética do discurso apresenta duas partes: a fundamentação do princípio ético e a ética aplicada. Para Sella e Muller, a ética do discurso prima pela racionalidade e a argumentação e busca guiar os seres humanos no processo de decisão daquilo que faz sentido, bem como daquilo que aceitam como correto para suas vidas.<sup>52</sup> Assim, pode-se dizer que alcançar o entendimento entre os indivíduos através do diálogo, para buscar a negociação entre as partes envolvidas é o objetivo da ética do discurso. Porém, para chegar ao entendimento é necessária uma harmonização nos interesses envolvidos através da comunicação.

Segundo Hamel, a ética do discurso busca fundamentar o ponto de vista pessoal de cada indivíduo em relação à cultura, religião, política, conhecimento, história, entre outros. Do mesmo modo, os problemas que afetam a vida diária do cidadão e sua comunidade através da “reconstrução das intuições morais do senso comum”.<sup>53</sup> Portanto, a análise das intuições morais direciona-se ao princípio da universalização, que são o embasamento de Habermas para a ética do discurso. Para Habermas, o princípio da universalização é um preceito para argumentação. Dessa maneira, possibilita o acordo entre as partes envolvidas em discursos práticos. Ressalta-se que é necessária a fundamentação do princípio ético para ir ao encontro da ética do discurso. Ainda em relação ao princípio da ética do discurso, o autor comenta que “as únicas normas que tem o direito a reclamar validade são aquelas que podem obter a anuência de todos os participantes envolvidos num discurso prático”.<sup>54</sup> Conclui-se, portanto, que a ética do discurso está fundamentada no princípio da universalização, que busca através do diálogo e da negociação a satisfação de interesses das partes envolvidas (racionalidade comunicativa).

---

<sup>52</sup> SELLA, Ana Carolina; MULLER, Maria Cristina. É possível a ética do discurso de Habermas para pessoas com deficiência?. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v. 17, n. 2, p. 181-194, 2011. p. 182. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382011000200002&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382011000200002&lang=pt)>. Acesso em: 30 ago. 2015.

<sup>53</sup> HAMEL, 2011, v.14, n. 2, p. 167.

<sup>54</sup> HABERMAS, Jürgen. *Comentários à ética do discurso*. Trad. Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: 1991. p. 16.

Ainda em relação às teorias éticas não há como dissociar as palavras ética e moral. Cortina e Martínez afirmam que a ética é usada regularmente como um conjunto de princípios, normas e valores que orientam a vida dos indivíduos e das sociedades.<sup>55</sup> Acredita-se que o significado da palavra ética confunde-se com o termo moral, levando em consideração o contexto a ser utilizado. A palavra moral, segundo as autoras, pode referir-se a um conjunto de princípios, normas de conduta, valores e ideais de vida que convergem para um sistema de conteúdos que retratam determinadas formas de vida.<sup>56</sup>

Entende-se, portanto, que as formas de vida estão relacionadas com o modo de viver e as crenças que cada indivíduo desenvolve e que ao mesmo tempo faz parte de uma sociedade. Por outro lado, considerando a etimologia da palavra ética, Moser apresenta duas possíveis traduções derivadas da palavra “*ethos*”: pela letra grega “*eta*” (η), que tem o significado de caráter. Já a letra “*épsilon*” (ε) significa bons costumes.<sup>57</sup> Buscando a definição da palavra caráter verifica-se que seu significado está relacionado à personalidade e aos traços que definem a maneira de como o indivíduo se manifesta perante a sociedade em geral. Já os bons costumes vinculam-se ao modo de agir, os hábitos transmitidos de “pai para filho” e que assim permanecem sendo reafirmados de geração em geração. Na concepção de Moser, a leitura dessas palavras está relacionada à cultura grega, a qual nos leva para o significado de moradia, lar. Portanto, fazendo uma relação com o caráter epistemológico, a palavra “*ethos*” nos remete para um modo *sui generis* de ser e de viver, bem como é o local onde se abriga o ser humano.<sup>58</sup>

Julga-se correto dizer também que o “*ethos*” é o lugar que traz proteção, segurança e afirmação da própria identidade do indivíduo. Ou seja, é a solidez que o ser humano necessita para construir a sua identidade. Fagundes salienta que a ética não é somente um conjunto de deveres ou código de regras. Também significa conciliar hábitos e atitudes que busquem direcionar uma maneira própria de viver.<sup>59</sup>

Já para Cortella, ética também significa pensar em convivência, a vida em sociedade, na qual o indivíduo tem autonomia, porém não a soberania absoluta.

---

<sup>55</sup> CORTINA; MARTÍNEZ, 2010, p. 19-20.

<sup>56</sup> CORTINA, MARTÍNEZ, 2010, p. 13-14.

<sup>57</sup> MOSER, Antônio. *Ética, valores e educação*. Disponível em <<http://www.antoniomoser.com>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

<sup>58</sup> MOSER, 2015.

<sup>59</sup> FAGUNDES, Márcia Botelho. *Aprendendo valores éticos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-18.

Cortella ainda argumenta que ética deve responder três perguntas da vida humana: Quero? Devo? Posso?<sup>60</sup> Desta maneira, é pertinente complementar que a ética conduz o ser humano a avaliar, fazer o julgamento e decidir por qual rumo irá seguir durante a sua existência. A partir da autonomia de decidir a trajetória de sua vida afirma-se que a ética também remete a liberdade do indivíduo.

Além disso, o ser humano deve crer em princípios e valores que foram herdados dos seus antepassados e que são compartilhados no convívio familiar e social. Da mesma forma, os valores que são transmitidos por educadores também visam apoiar o indivíduo para utilizar o mesmo na busca do conhecimento, autodesenvolvimento, aprendizado e transformação, tornando-o assim um ser íntegro com habilidade e discernimento entre bem e o mal. Para Durkheim, o educador tem a tarefa de mostrar ao educando que o conhecimento não é o único objetivo no aprendizado, mas que o ensinar a viver refere-se a apropriar-se deste conhecimento para buscar a transformação do conhecimento em saber e que esta sapiência será praticada durante toda sua vida.<sup>61</sup> Complementa-se ainda que as informações absorvidas e compreendidas fazem parte da vivência adquirida durante a existência do ser humano, possibilitando o senso comum e também crenças e valores éticos.

Em relação à palavra valor, Fagundes comenta mudanças que ocorreram na história da humanidade no que refere-se ao termo valor. Como exemplo os valores que foram herdados das tradições greco-romana, cristã e renascentista. No entanto, estes foram substituídos pelos “novos” valores da sociedade industrial a partir do século XIX.<sup>62</sup> Concordando com a autora pode-se afirmar que a industrialização alavancou, além de mudanças de cunho econômico e social, transformações no modo de pensar e agir no ser humano no que tange a princípios e valores humanos. Diante dos conceitos acerca da palavra valor pode-se resumir que os valores foram criados pelo homem e somente se materializam no homem, pois existem para relacionar os seres humanos no contexto social construído e definido por ele próprio.

---

<sup>60</sup> CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 106.

<sup>61</sup> DURKHEIM, 1890, p. 38 *apud* MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 47.

<sup>62</sup> FAGUNDES, 2006, p. 18.

## 2.2 Valores humanos

Julga-se correto dizer que cada indivíduo é único em seu modo de viver, nas suas crenças, aptidões e valores morais. Segundo Beresford, “valor é tudo aquilo que for apropriado a satisfazer determinadas necessidades humanas”.<sup>63</sup> Complementa-se através do entendimento de Camargo que o indivíduo possui aspectos denominados valores básicos do ser humano. Conforme o autor, estes aspectos são o ponto de partida importante e fundamental, e que está relacionado à existência do homem como homem.<sup>64</sup> O homem é um ser social (possui a habilidade de viver em grupo); é um ser psíquico (possui inteligência, consciência, discernimento); é um ser sexual, isto é, gêneros feminino e masculino e, portanto, existe a distinção de personalidades; é um ser espiritual, pois busca conhecimento além da razão (transcendente), utilizando as religiões para o entendimento de princípios existentes; é um ser histórico, pois durante a sua existência presencia determinados acontecimentos e eventos na sua trajetória de vida; é um ser estético, ou seja, visa beleza, harmonia, perfeição nas formas e no que está relacionado a si próprio; é um ser ético, levando em consideração que a ética é um bem e também uma obrigação, e que assim o indivíduo realizar-se-á como pessoa. Camargo ainda afirma que os aspectos citados por si só não estabelecem os valores do ser humano. Tem-se a liberdade, a justiça, a fé, consciência e honestidade como essenciais para complementar a axiologia que se refere ao homem.<sup>65</sup>

Além disso, os aspectos referenciados como valores do ser humano não devem ser considerados isoladamente. Estão inter-relacionados e constituem um ser único, ou seja, o homem. Dessa forma, é pertinente que se perceba o indivíduo como um ser singular e uno, mas que é capaz de coabitar em comunidade e assim obter conhecimento através do aprendizado e experiências vivenciadas. Para Reale, “os valores [...] são relacionados diretamente ao mundo da cultura, são reflexos da experiência humana através da história”.<sup>66</sup>

Menciona-se ainda que os valores humanos estão vinculados a essência do ser humano, ao comportamento, inteligência, percepção, aprendizado, e criatividade

---

<sup>63</sup> BERESFORD, 2000 *apud* BALIULEVICIUS, N. L. P. Macário. Jogos cooperativos e valores humanos: perspectiva de transformação pelo lúdico. Rio de Janeiro. *Fitness & Performance Journal*, v. 5, nº 1, 2006. p. 53.

<sup>64</sup> CAMARGO, Marculino. *Valores da existência humana: ideais e desafios da vida e da morte*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991. p. 14.

<sup>65</sup> CAMARGO, 1991, p. 14.

<sup>66</sup> REALE, 1994 *apud* BALIULEVICIUS, 2006, p. 53.



do indivíduo bem como a vivência adquirida ao longo da sua existência na sociedade a qual pertence. Segundo Sá, “a igualdade é um falso conceito quando se considera o papel que cada ser humano representa perante uma sociedade”.<sup>67</sup> Nesse contexto, acredita-se que cada ser humano possui importância e ocupa posição junto a uma sociedade. Pode-se então afirmar que o ser humano está em constante desenvolvimento e transformação, pois conforme Cortella “[...] humanos devem mudar; como vida e processo é mudança, ser humano é ser capaz de ser diferente”.<sup>68</sup>

Em relação ao desenvolvimento e mudança é procedente citar o surgimento das TIC's (Tecnologias de Informação e de Comunicação) nas últimas décadas como fator decisivo na ascensão das comunicações. Estas visam uma diversidade e atualização contínua na vida pessoal e profissional do indivíduo perante a sociedade. No que se refere a mudanças pode-se dizer que as TIC's transformam as relações entre as sociedades mundiais nos temas políticos, econômicos, culturais, financeiros e educacionais, através da apresentação de outras formas de pensar e agir do indivíduo. Conclui-se, portanto, que os valores encontram-se baseados nas ações humanas, bem como nos valores básicos do ser humano e nas questões inerentes ao contexto comportamental, ao conhecimento, à moral, à percepção individual e no convívio em grupos sociais, pois levam o ser humano a estar em contínua evolução.

### **2.3 Valores cristãos**

O termo valor é, na concepção de Rampazzo, interligado a diferentes dimensões do ser humano como a dimensão material, afetiva e espiritual. Entende-se que a dimensão material está relacionada aquilo que traz bens e sucesso para o indivíduo como dinheiro, alimentação, poder, vestuário. Já a dimensão afetiva refere-se ao amor entre os seres humanos e a dimensão espiritual remete-se a inteligência do ser humano, bem como o conhecimento e a ética como respeito ao próximo, a justiça e o amor a Deus (religião).

Para Rampazzo, cristãos são “todas as pessoas [...] que acolhem e aceitam os valores humanos, pois acreditam que Deus, criador do mundo, é a origem de

---

<sup>67</sup> SÁ, Antônio Lopes de. *Ética e valores humanos*. Curitiba: Editora Juruá, 2007. p. 27.

<sup>68</sup> CORTELLA, Mário Sérgio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 40.

todo o bem que está presente na natureza”.<sup>69</sup> Complementa-se ainda que para os cristãos a vida humana é um valor maior. Isto porque cada pessoa é a imagem e semelhança de Deus. Assim, a dignidade da pessoa e o respeito são considerados qualidades importantes na busca da valorização de cada indivíduo.

Segundo Moraes, a teologia de João Batista Libanio compreende que todo cristão deve assumir os desafios impostos pela sociedade, criar uma práxis cristã no âmbito familiar. Do mesmo modo, na comunidade em que desenvolve seu trabalho e “aprender a discernir a vontade de Deus”.<sup>70</sup> Pode-se dizer que de acordo com os preceitos cristãos o ser humano deve crer em si e nas suas aptidões para vencer o que é designado como desafio, pois para Bonhoeffer “Deus ama o ser humano [...] não um ser humano ideal, mas o ser humano como ele é”.<sup>71</sup> Naturalmente, o(a) cristão(ã) nas suas escolhas deve considerar a liturgia cristã como sua bússola e também compartilhar sua fé e ideais com sua família e comunidade.

Em relação a “aprender a discernir a vontade de Deus” acredita-se que a fé é à base dessa compreensão. É certo dizer que a fé e o amor (ao próximo) são o cerne que alimentam as crenças do(a) cristão(ã) e que sem as mesmas o ser humano perde o sentido no que se refere aos valores morais e espirituais. Cita-se que a formação espiritual está embasada na fé e na crença do ser humano como sendo a imagem e semelhança do Criador. Além disso, é necessário crer e ter atitudes que sejam fundamentais na busca do crescimento espiritual, pessoal e profissional. No que se refere aos valores cristãos não há como dissociá-los dos mandamentos bíblicos que, para Rampazzo, podem ser descritos como “mandamentos éticos”.

Em Êxodo 20, 12-17: “Honra teu pai e tua mãe” nos remete à valorização da família. Já nos mandamentos: “Não matarás; não adulterás, não furtarás e não dirás falso testemunho contra o teu próximo”<sup>72</sup> referem-se ao respeito ao próximo e ao convívio em sociedade, com os valores da vida humana, a família coesa e única, a justiça na sociedade e o respeito à verdade com o próximo. Nesses mandamentos

---

<sup>69</sup> RAMPAZZO, Lino. *Antropologia, religiões e valores cristãos*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 152.

<sup>70</sup> MORAES, Cristiano Batista de. *Cristianismo e Libertação: a fé cristã e a práxis histórica na teologia de João Batista Libanio*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2014. p. 133. Disponível em <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/171014-JVvyvVdPh2p9z.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

<sup>71</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2013. p. 49.

<sup>72</sup> BÍBLIA SAGRADA, 2011.

estão valores que são o alicerce para a convivência harmoniosa, fraterna e honrosa entre os seres humanos cristãos.

O homem cristão é uno e coletivo, necessitando de espaço para exercer a sua individualidade, mas também de ser reconhecido na sociedade cristã pelas suas qualidades e feitos. Ou ainda, de se fazer ouvir e expressar seus sentimentos, emoções, opiniões e demonstrar seus conhecimentos. Conclui-se, portanto, que o homem cristão e a mulher cristã praticam a empatia, pois é capaz de se identificar com o próximo e assim compreender o ponto de vista do outro.

### **3 DA MODERNIDADE LÍQUIDA DE BAUMAN À HIPERMODERNIDADE DE LIPOVETSKY: CONCEITOS, VALORES E DIFERENÇAS**

Neste capítulo serão abordados os conceitos e características da Modernidade Líquida de Bauman bem como a breve passagem da pós-modernidade. E ainda, o estudo de Lipovetsky em relação à hipermodernidade.

#### **3.1 A influência do Iluminismo e a Revolução Industrial no surgimento da Modernidade**

A Modernidade firmou-se a partir do século XVIII juntamente com o Iluminismo, que foi um movimento iniciado na Europa e marcado pela fé que defendia o uso da razão. Para Descartes, filósofo francês que consagrou a filosofia moderna, a razão tinha como premissa ser a norteadora para a vida do ser humano, trazendo assim a libertação contra os diversos dogmas existentes na época.<sup>73</sup> Descartes comenta que a razão é a mesma para todo o ser humano. O que a diferencia é a maneira de como é aplicada, pois tem como fundamento os costumes, a religião e o conhecimento conquistado por cada indivíduo.<sup>74</sup>

Para Bonhoeffer, o Iluminismo afirma que a ética não está vinculada a determinadas classes sociais, mas converge-se para todos os seres humanos. O autor ainda cita que Descartes defende com veemência o respeito à igualdade dos seres humanos em relação ao ético.<sup>75</sup> Acredita-se ser relevante citar a metafísica como a doutrina que Descartes estudou, formulando questionamentos sobre aquilo que é possível ter entendimento, pois a metafísica busca obter conhecimento das coisas que estão acima do mundo físico. Ou seja, aquilo que está relacionado com o infinito, as ideias e também a liberdade. A partir desses estudos Descartes considerou que somente pode-se dizer que algo existe se puder ser provado. Nesse contexto, o autor elaborou sua consagrada expressão: “Penso, logo existo” (*Cogito ergo sum*).

Levando em consideração o exposto, pode-se dizer que o Iluminismo fomentou *pathos* na sociedade, na política, economia, bem como uma maior

---

<sup>73</sup> DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013. p. 11.

<sup>74</sup> DESCARTES, 2013, p. 16.

<sup>75</sup> BONHOEFFER, 2013, p. 172-173.

liberdade baseada nos ideais propostos por ir de encontro ao uso da razão. Em relação à economia, tem-se a Revolução Industrial como evento relacionado à Modernidade. A Revolução Industrial surgiu das fábricas e da invenção das máquinas a vapor fatores essenciais para o desenvolvimento do capitalismo. Outro ponto relevante que também está relacionado à administração e com a Modernidade são os princípios da produção em massa nas fábricas a partir do século XIX.

Maximiano faz a associação entre Taylor e à administração científica que tinha como foco central lucro e custos. Outro nome é de Henry Ford, que desenvolve sua concepção em relação à linha de montagem automotiva, pois o princípio do fordismo era fabricar seus produtos (automóveis) padronizados em grande escala, utilizando mão de obra especializada para desenvolver o trabalho num processo dividido em etapas e que cada pessoa dentro da linha de montagem possuía uma atividade fixa e repetitiva.<sup>76</sup>

É procedente citar o método cartesiano de Descartes como teoria influente na divisão do trabalho, como forma de progresso nas sociedades e também na administração científica. Segundo Ramos, esse método busca trazer conhecimento e definir as melhores práticas no processo de utilização do mesmo.<sup>77</sup>

Nesse sentido, os preceitos do método cartesiano consistem em:

- não aceitar algo como verdadeiro se não tiver evidências objetivas e claras. Dessa forma, tem-se uma dúvida sistêmica e evita-se a prevenção e precipitação, aceitando somente aquilo que é certo;
- decompor ou dividir dificuldades e problemas encontrados em tantas partes necessárias para que seja possível buscar a melhor solução e saná-las individualmente;
- conduzir de forma ordenada os pensamentos e o raciocínio do ser humano, iniciando pelos assuntos e objetivos mais simples, e através disso apropriar-se do conhecimento para gradualmente buscar soluções para os problemas mais complexos;
- revisar e fazer recontagens para verificar que nada foi omitido ou deixado para trás durante o processo realizado.

---

<sup>76</sup> MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. *Teoria Geral da Administração*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012. p. 51.

<sup>77</sup> RAMOS, Roberto. A educação e o conhecimento: uma abordagem complexa. *Educar em Revista*. Universidade Federal do Paraná, n. 32, p. 75-86, 2008. p. 79. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602008000200007&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602008000200007&lang=pt)>. Acesso em: 06 set. 2015.

Chiavenato ressalta que Taylor, intitulado “pai” da administração científica, foi o primeiro gestor a propor a aplicação do método cartesiano de Descartes na administração e nas linhas de produção de empresas.<sup>78</sup> Ainda em relação à Revolução Industrial, pode-se afirmar que este período da história teve como características linhas de produção robustas, vários trabalhadores envolvidos no processo de manufatura, máquinas pesadas e por consequência fábricas cada vez mais automatizadas.

Para Bauman esta é a Modernidade pesada, com os *slogans* “tamanho é poder, volume é sucesso”, “quanto maior, melhor”.<sup>79</sup> Analisando esta compreensão pode-se afirmar que a rigidez fazia parte da rotina dos indivíduos, bem como a falta de flexibilidade e liberdade, fazendo com que seguissem padrões de conduta bem determinado. Para o pensador Gilles Lipovetsky, além da Taylorização e do Fordismo, outros elementos foram importantes na Modernidade como o surgimento da divulgação de produtos através de meios comerciais, a criação de marcas e grandes centros comerciais. Todos estes fizeram com que os meios de transporte fossem utilizados. Daí investimentos foram necessários para abastecer os grandes centros que tinham como objetivo o acesso das pessoas a produtos novos e modernos. Dessa forma, tem-se o início da era do consumo, que ocorreu primeiramente na classe burguesa.<sup>80</sup> Acrescenta-se que o consumismo e os valores relacionados fomentam o hedonismo, que nessa condição é o prazer material o propósito do ser humano.

Bauman em sua obra *Vida Líquida* comenta que no início da Era Moderna no século XVII surgiu o termo indivíduo. Este tem como significado “ser diferente de todos os outros”, ou seja, que cada indivíduo possui as suas características, maneiras de pensar, seus valores e princípios dentro da sociedade a qual fazem parte.<sup>81</sup> Portanto, através da percepção do ser humano como sendo um indivíduo uno na sociedade a qual pertence e utilizando-se da razão os trabalhadores artesãos promoveram a transição para operários da produção em massa.

---

<sup>78</sup> CHIAVENATO, 2015, p. 57.

<sup>79</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 132.

<sup>80</sup> LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os Tempos Hipermodernos*. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2011. p. 23.

<sup>81</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. 2. ed. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 25.

Complementa-se que a construção do indivíduo como um ser autônomo e ímpar no meio social ao qual está inserido alavancou um período de reflexões e de questionamentos dos operários às organizações. Cita-se debates relacionados ao modelo de trabalho executado (repetição de tarefas), escolhas pessoais controladas pelas estruturas existentes na época e também o uso de padrões comportamentais éticos e culturais definidos pela sociedade tradicional, bem como debates conservadores atribuídos à economia, política, cultura e religião. É pertinente afirmar que os questionamentos supracitados e também incertezas relacionadas à economia e religião despertaram dúvidas nos indivíduos. Para Henning, esses fatores iniciaram a “derrubada de algumas verdades para consolidação de outras”.<sup>82</sup>

Na medida em que a Modernidade Sólida tinha a rigidez como característica imutável, Bauman apresenta uma nova fase na Modernidade. Neste a consistência está em dar espaço a flexibilidade e a fluidez. Ou seja, é o momento de ocorrer o “derretimento dos sólidos”, que conforme o autor é o aspecto contínuo na Modernidade.<sup>83</sup> Em relação à Modernidade Líquida Bauman afirma que

Os fluídos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”, são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos [...].<sup>84</sup>

Pode-se dizer que as modificações sociais, políticas e culturais desencadeadas também trouxeram mudanças para essa nova ordem, tendo a flexibilidade um dos pontos fundamentais. Segundo o Dicionário Aurélio flexível é aquilo que é capaz de dobrar ou curvar, é elástico e também dócil.<sup>85</sup> Levando em consideração o significado de flexível como sendo algo maleável e de fácil manuseio conceitua-se flexibilidade como sendo a capacidade do indivíduo em fazer a transição para o novo. Mudar sem se sentir culpado e assumir riscos, deixando a rigidez dos padrões tradicionais da época como modelo do passado, consolidado na história da sociedade tradicional.

<sup>82</sup> HENNING, Paula. Resistência e criação de uma gaia ciência em tempos líquidos. *Revista Ciência & Educação*, v. 18, n. 2, p. 487-502, 2012. p. 490. Universidade Federal de Rio Grande. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132012000200016&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132012000200016&lang=pt)>. Acesso em: 05 set. 2015.

<sup>83</sup> BAUMAN, 2001, p. 12.

<sup>84</sup> BAUMAN, 2001, p. 8.

<sup>85</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio* – Edição Especial. Curitiba: Ed. Positivo 2. ed. 2008. p. 250.

Ainda em relação ao conceito de Modernidade Baudelaire definiu-a sob outro ponto de vista. Considerou as influências da época e da moda em relação à tradição já existente. Dessa maneira, interpreta-se então como sendo um conflito entre o que é transitório (influências) com o que é eterno e imutável.<sup>86</sup> Verifica-se que Baudelaire menciona o termo transitório (aquilo que é passageiro) com a palavra moda, a qual está ligada a estilo e tempo. O termo tradição tem a ver com comportamentos, atitudes, crenças de uma sociedade que são passados de geração em geração para continuarem sendo mantidos.

Portanto, é possível fazer uma analogia entre Bauman e Baudelaire no que se refere à transição, pois ambos definem a palavra mudança como uma condição *sine qua non* para Modernidade. Constata-se também uma correlação entre Lipovetsky e Baudelaire no que tange a influências da época e moda. Desta forma, segundo Lipovetsky, inicia-se na década de 1950 a era da moda extrema, onde a sociedade, principalmente a burguesia, é dominada por aquilo que é efêmero e está relacionado ao momento. A atratividade está associada à sedução e com isso a preocupação passa a ser a aparência. Por exemplo, o cuidado com a alimentação e saúde, a busca pela liberdade. Por outro lado, as obrigações sociais e religiosas começam a ser colocadas em segundo plano, pois o individualismo começa a tornar-se algo mais importante do que o convívio familiar e em sociedade e mesmo a continuidade das tradições passadas de geração em geração.<sup>87</sup>

Levando em consideração as reflexões e pensamentos citados evidencia-se a passagem da rigidez da Modernidade Sólida para a flexibilidade e fluidez da Modernidade Líquida, principalmente pelas mudanças comportamentais dos indivíduos, com o questionamento às obrigações estabelecidas e com a libertação da tradição ligada à economia, política, moda, cultura e religião. Bauman em sua obra intitulada *Modernidade Líquida* dedicou-se a explorar os cinco conceitos principais de como a sociedade humana busca a se desenvolver. Acrescenta-se ainda, o comentário do autor para uma das principais características da vida moderna que é “a diferença que faz a diferença”,<sup>88</sup> onde a relação entre espaço e tempo é dissociada do dia a dia do ser humano e tornam-se independentes. Emancipação é o primeiro conceito citado por Bauman. Pode-se dizer que está

---

<sup>86</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 24.

<sup>87</sup> LIPOVETSKY, 2011, p. 19-21.

<sup>88</sup> BAUMAN, 2001, p. 15.



relacionado à liberdade do indivíduo em relação ao meio em que vive. O autor comenta que as três décadas que se seguiram após o término da Segunda Guerra Mundial (1950, 1960 e 1970), foram de abundância, prosperidade e riqueza nas sociedades existentes.

Paralelamente a isso, o dever da emancipação tornou-se um problema na medida em que as pessoas não manifestavam vontade de serem libertadas dos limites impostos pela sociedade, pois com a emancipação tem-se a possibilidade de agir conforme a vontade e o desejo do indivíduo. Contudo, o medo, as dificuldades e a necessidade de mudar o *status quo* preocupavam a população em geral ao realizar essa mudança. Para a Modernidade Líquida, emancipação é libertar-se daquilo que impede o dinamismo, tornar-se um ser livre para ter movimentos que fluam sem as amarras e obstáculos existentes. Nesse sentido, Bauman compartilha com o(a) leitor(a) a inquietação discutida por pensadores(as) em relação à liberdade. Questiona se a libertação almejada é de fato uma bênção ou algo que pode ser considerado uma maldição.

Segundo a percepção dos pensadores da época comenta-se que tinham dúvidas se os cidadãos estavam preparados para a liberdade e por outro lado, o povo não se mostrava ciente e seguro nos benefícios que a emancipação poderia trazer. Para Bauman, a palavra emancipação significa libertar-se das algemas que impedem os movimentos, sentir-se livre para mover e agir.<sup>89</sup> Isto é, a possibilidade do ser humano não ter mais limites, de tomar atitudes conforme vontade e desejos próprios. Ou ainda, deixar de lado a preocupação com o coletivo e pensar na pessoa como indivíduo para alcançar o equilíbrio e a felicidade, tanto na vida profissional quanto pessoal.

A Individualidade é o segundo conceito apresentado e está relacionado à liberdade de escolhas, oportunidades, estilo de vida e consumo. Complementa-se que esses vocábulos trazem uma sensação agradável e de leveza, sentimento de prazer, felicidade e que nos remete a palavra hedonismo. Este último tem como objetivo a busca do prazer do indivíduo em um curto espaço de tempo. Por outro lado, tem-se na individualidade a responsabilidade pelos méritos e fracassos do ser humano. Bauman afirma que a tarefa do indivíduo é “cultivar os méritos e reparar os fracassos”.<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> BAUMAN, 2001, p. 23.

<sup>90</sup> BAUMAN, 2009, p. 30.

O autor também resgata o conceito de capitalismo pesado ao comentar que o surgimento do modelo Ford criou uma nova engenharia social orientada pela ordem, pois o Fordismo buscou separar o projeto e a execução, a liberdade da obediência, a invenção da determinação. Buscou também limitar o uso do capital humano nos processos produtivos, onde se desenvolvia atividades repetitivas necessárias na industrialização. Com isto, não ocorria à exploração do potencial dos trabalhadores e limitava-se o uso das habilidades individuais. Complementa-se paralelamente ao capitalismo o consumo, pois indústrias comercializam seus modelos com imagens para vender credibilidade nos produtos e serviços que se encontram disponíveis no mercado, objetivando seduzir e atrair consumidores na aquisição desses bens e serviços. Salienta-se também que o individualismo pode levar o ser humano a uma vida solitária, podendo ocorrer o distanciamento e assim o enfraquecimento dos laços afetivos e da solidariedade entre as pessoas.

Portanto, não há como dissociar os dois primeiros conceitos - emancipação e individualidade, pois se referem à independência e a liberdade do indivíduo. Ou seja, a escolha do ir e vir sem seguir normas pré-estabelecidas, poder decidir qual caminho a trilhar. Porém, ressalta-se que a responsabilidade é totalmente do indivíduo. Afirma-se também que esses dois conceitos fazem com que o ser humano possa ter flexibilidade, característica principal da Modernidade Líquida, tanto nas obrigações referente aos princípios, valores, estudos, trabalho como na vivência na sociedade, no âmbito familiar e profissional. Tempo e espaço é o terceiro tema citado por Bauman na Modernidade Líquida. Segundo Frezza, Grisci e Kessler tempo e espaço constituem “um modelo comum de percepção da realidade”<sup>91</sup>, e que tornam possível a formação de grupos pelo desenvolvimento de relações interpessoais, que inclui a comunicação e movimentos de ações realizadas em um mundo compartilhado.

Desta maneira, ressalta-se que através do espaço utilizado de modo compartilhado, Bauman cita o conceito de espaço civil como o espaço onde as pessoas podem compartilhar a sua maneira de ser e pensar, expressar seus sentimentos, alegrias, angústias. Por outro lado, devem aprender a agir com

---

<sup>91</sup> FREZZA, Marcia; GRISCI, Carmem Ligia I.; KESSLER, Cristiano Keller. Tempo e Espaço na Contemporaneidade: uma análise a partir de uma revista popular de negócios. *RAC – Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 13, n. 3, art. 8, p. 487-503, Jul./Ago. 2009. p. 490. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-65552009000300009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552009000300009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 10 set. 2015.

civilidade, não pensar e demonstrar somente seus desejos individuais. Para Bauman civilidade é “vestir uma máscara pública”<sup>92</sup>, na qual o indivíduo permite e busca o engajamento na socialização no espaço civil, resguardando sentimentos particulares e manifestando desejo de ser aceito. Conforme o autor existe dois tipos de espaços públicos, porém de características divergentes: o primeiro espaço público (não civil) são as edificações majestosas, “imponentes e inacessíveis aos olhos”<sup>93</sup>, com pouca hospitalidade e normalmente o cidadão é um mero transeunte. Cita-se como exemplos praças e monumentos. Já a segunda categoria de espaço público não civil é aquela que tem a proposta de permitir que as pessoas tornem-se consumidores nos “templos de consumo”<sup>94</sup>, pois estimulam o ato de consumir e não tanto o de interagir, pois o consumo é uma sensação individual. Como exemplos pode-se dizer *shopping centers*, cafés, pontos turísticos, cinemas entre outros. Portanto, afirma-se que espaços são lugares que exercem influências sobre as pessoas através do consumo, socialização e atribuição de significados. E ainda, aqueles espaços que não trazem nenhum valor ou importância para o indivíduo.

Bauman apresenta uma comparação entre Modernidade Sólida e Modernidade Líquida usando termos tecnológicos. A metáfora refere-se à Modernidade Sólida como sendo o *hardware*, ou seja, o que é obcecado pelo volume, pelo sucesso e poder. Já a Modernidade Líquida é o *software*, que busca estar em constante mudança e melhorias para aprimorar sua *performance*.

Em relação à tecnologia, Castells afirma que “a internet é o tecido de nossas vidas”.<sup>95</sup> Portanto, esse meio de comunicação já faz parte do dia a dia do indivíduo, onde barreiras culturais, políticas, econômicas, religiosas não existem mais para as informações transitarem livremente pelo ciberespaço. Pode-se afirmar que a criação do espaço virtual (ciberespaço) encurta as distâncias geográficas existentes entre os países, possibilitando a troca de informações em tempo real e sem limitação de espaço.

Em relação ao trabalho, Bauman faz menção ao Fordismo (Henry Ford). Caracteriza este aspecto na Modernidade Sólida como uma atividade em que o indivíduo não escolhia o seu trabalho, a sua profissão, mas era o seu destino participar do trabalho coletivo para chegar à produção de um determinado

---

<sup>92</sup> BAUMAN, 2001, p. 112.

<sup>93</sup> BAUMAN, 2001, p. 113.

<sup>94</sup> BAUMAN, 2001, p. 114.

<sup>95</sup> CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 7.

bem/produto e assim receber seu salário para garantir sua sobrevivência. O autor define este tempo como capitalismo pesado, onde capital e trabalho possuíam uma dependência mútua: o capital necessitava dos trabalhadores para produzir e obter crescimento/lucro e os trabalhadores dependiam do emprego para prover a sua existência. Grandes fábricas, conglomerados industriais surgiram e a mão de obra era cada vez mais necessária.

Comenta-se que Henry Ford foi perspicaz ao desenvolver uma relação de poder para com os seus subordinados, pois conseguiu manter a dependência dos trabalhadores em seus empregos. Ou seja, a fábrica era a extensão de sua casa e ali estavam depositadas as esperanças e sonhos dos trabalhadores em garantir a empregabilidade até o fim da vida e de sustentar a subsistência da família. Foucault define relação de poder como “[...] o fato de ela ser um modo de ação que age sobre outra ação”.<sup>96</sup> Assim, cita-se como exemplo de relação de poder a determinação de Ford em dobrar os salários de seus trabalhadores de um dia para o outro, pois o seu desejo era de que cada funcionário tivesse os carros produzidos com a marca Ford.

Entretanto, Bauman afirma que a intenção de Ford não era verdadeira, pois os carros comprados pelos funcionários da fábrica não significavam quase nenhum grande aumento no faturamento para a empresa, era algo pontual, não constante. Por outro lado, o aumento de salários propostos e o impacto nos custos de produção em massa seriam permanentes e mensais.<sup>97</sup> Conclui-se, portanto, que o desejo de Ford era que todas as despesas e valores gastos em treinamento, preparação de funcionários para exercer suas funções dentro das empresas do grupo Ford se pagasse várias vezes. Isto é, por todo o tempo que o trabalhador estivesse empregado dentro do seu conglomerado automotivo.

Devido à insatisfação e falta de perspectivas em relação ao emprego, trabalhadores se uniram reivindicando direitos como melhores condições de trabalho, salários e jornada de horas definidas. A partir de então ocorreu a formação do sindicato dos trabalhadores e em paralelo a transição do capitalismo pesado para o leve. Cita-se como característica do capitalismo leve a mudança dos contratos de trabalho de longo para curto prazo, trazendo sentimentos como incerteza e insegurança nos colaboradores. Segundo Bauman “a incerteza do presente é uma

---

<sup>96</sup> FOUCAULT, Michel. *Trajectoria Filosófica para além do estruturalismo e da Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 243.

<sup>97</sup> BAUMAN, 2001, p. 166.

poderosa força individualizadora”<sup>98</sup>, pois o(a) colaborador(a) não possui mais a rigidez do capitalismo sólido. Por outro lado, tem-se a fluidez e um ambiente momentâneo gerando uma insegurança no(a) funcionário(a) quanto a sua estabilidade na organização. Desta maneira, o trabalho coletivo e o interesse comum ficam descartados, pois o que interessa para o(a) colaborador(a) é garantir sua empregabilidade momentânea. Isso sem pensar na equipe como um grupo coeso que desenvolve o trabalho em coletividade. Com isso, o indivíduo deve tornar-se adaptável às mudanças e também não planejar sua carreira há longo prazo na empresa. Portanto, as peculiaridades comportamentais citadas nos remetem à flexibilidade como um dos pontos principais no novo modelo em questão.

Ainda em relação ao trabalho Bauman referencia à procrastinação como uma prática cultural que surgiu na modernidade. No entanto, procrastinação para o autor refere-se ao ato de protelar uma ação para o futuro. Cita-se como exemplo de procrastinação o(a) trabalhador(a) não se preocupar em planejar e construir uma carreira de longo prazo na organização ao qual está inserido. A satisfação momentânea bem como a condição financeira e social que o trabalho oferece é o interesse oportuno. Portanto, a fluidez e a flexibilidade são características do capitalismo leve que está inserido na Modernidade Líquida evidenciada por Bauman.

O último tema analisado por Bauman é intitulado comunidade. Entende-se que a comunidade ideal é um mundo onde é possível encontrar tudo que é necessário para levar uma vida saudável, com qualidade e itens básicos para suprir necessidades e de sobrevivência para o indivíduo.<sup>99</sup> Entende-se que o autor cita como modelo de sociedade/nação um mundo perfeito para seus habitantes com segurança, harmonia, educação, valores, princípios, saúde como sendo premissas para um convívio pacífico e coletivo.

Bauman também faz uma reflexão entre patriotismo versus nacionalismo. Patriotismo tem como característica o positivismo, já o nacionalismo é a carga negativa, a insegurança, a revolta, a percepção de que outros países estão conspirando algo de ruim contra a sua nação. O indivíduo sente-se sub-respeitado e pouco valorizado. Já o patriotismo é o lado leve, que tem como características frisar as qualidades, mostrar o “eu” como país num ambiente hospitaleiro e comunicativo.

---

<sup>98</sup> BAUMAN, 2001, p. 170.

<sup>99</sup> BAUMAN, 2001, p. 197.

É relevante citar a frase “você é um de nós”.<sup>100</sup> Tem-se como ponto positivo da frase a aproximação dos povos, troca de costumes, conhecimento de países e culturas diferentes. Com a chegada da globalização ocorre, por outro lado, o aumento da competitividade, a busca e permanência em mercados novos ou nos já conquistados e a necessidade de uma mão-de-obra barata para manter-se competitivo no mercado internacional. Sob este prisma, organizações mudam de estados, cidades e até países para manter sua competitividade. Complementa-se que colaboradores que trabalham e fazem parte dessas empresas internacionais tem necessidade de se adaptar, tornarem-se nômades e flexíveis às mudanças. Pode-se afirmar que na Modernidade Sólida a necessidade de transferências e deslocamentos eram poucas, pois o conceito de aldeia global não era conhecido. Já na Modernidade Líquida é algo vital para o ser humano ser flexível para garantir empregabilidade e suprir o seu sustento.

Cita-se outros fatores importantes como a competitividade entre os povos, a busca pela permanência de empresas em novos mercados prospectados e também a necessidade de buscar mão-de-obra competitiva em outras nações. Os pontos mencionados foram disseminados através do fenômeno chamado globalização, que se iniciou a partir do século XX com a criação de locais em comum nas nações existentes no âmbito econômico, político e social. Esta interação fez com que todos os países ficassem interligados, criando a aldeia global.

Em relação à aldeia global, este conceito foi desenvolvido pelo filósofo Marshall McLuhan na década de 1960 com o objetivo de explicar a influência da comunicação de massa em escala global. Complementa-se que para este autor a queda de barreiras culturais, geográficas, étnicas, políticas, sociais, entre outras conduziria as pessoas a serem orientadas por ideais e princípios comuns, formando uma sociedade mundial.<sup>101</sup> Pode-se dizer que a evolução tecnológica durante os últimos anos vai ao encontro do conceito de McLuhan, pois através da internet é possível a troca de informações imediata entre pessoas geograficamente distantes, conectadas a *notebooks*, *smartphones* e *tablets*. É relevante comentar que através da internet uma “padronização da cultura” foi disseminada através da cultura do

---

<sup>100</sup> BAUMAN, 2001, p. 201.

<sup>101</sup> MCLUHAN, Marshall. *Estudos da semiótica*. Disponível em: <<https://aboutmarshallmcluhan.wordpress.com/category/aldeia-global/>>. Acesso em: 12 set.2015.

consumo da vida ocidental. Em outra direção à absorção do conhecimento de culturas consideradas exóticas pelos cinco continentes.

Em relação à globalização, Bauman a considera como algo que “está na ordem do dia” [...], “é o que devemos fazer se quisermos ser felizes”.<sup>102</sup> Para outras culturas e sociedades é aquilo que pode trazer a infelicidade para a nação. Portanto, afirma-se que é um processo que se contradiz, pois “a globalização tanto divide como une”<sup>103</sup> através dos negócios firmados, comércio, sistemas financeiros universais e a tecnologia que disponibiliza o fluxo de informações em movimento no ciberespaço.

Sakamoto define globalização como um duelo originado nas sociedades existentes “entre as forças do desenvolvimento econômico e tecnológico desigual”.<sup>104</sup> Por outro lado, as forças que tem o intuito de controlar os recursos e as forças políticas que almejam a democratização. Complementa-se que a participação das empresas internacionais no fomento econômico e financeiro pode trazer desequilíbrio para a evolução global, pois o poder existente no desenvolvimento de indústrias é maior do que as organizações que buscam controlar a exploração dos recursos naturais disponíveis no mundo.

Ainda em relação ao tema comunidade Bauman cita o termo “*cloakroom*” ou comunidade explosiva na Modernidade Líquida. Nesta ideia está presente a atitude na qual o(a) espectador(a) deixa suas roupas e regras utilizadas na rua e veste-se de acordo com a ocasião do espetáculo e assume novas regras durante o tempo daquela apresentação.<sup>105</sup> Corroborando o autor, afirma-se que a pessoa possui a capacidade de adequar-se a um local, costume, hábitos culturais específicos para fazer parte do contexto que está inserido e assim ser aceito pela sociedade e também no meio profissional.

Acredita-se, portanto, que através das análises referenciadas é possível citar a flexibilidade como uma das principais características apresentadas nos cinco temas relacionados à Modernidade Líquida, pois a partir do momento em que a

---

<sup>102</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 7.

<sup>103</sup> BAUMAN, 1999, p. 8.

<sup>104</sup> F<sup>o</sup>. MONTSERRAT, José. Globalização, interesse público e direito internacional. *Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, São Paulo, 9 (25), 1995. p. 78. Disponível em: <[http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=globaliza%C3%A7%C3%A3o%2C+direito+p%C3%BAblico&index=&where=SCL&search\\_form\\_submit=Pesquisar](http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=globaliza%C3%A7%C3%A3o%2C+direito+p%C3%BAblico&index=&where=SCL&search_form_submit=Pesquisar)>. Acesso em: 10 set. 2015.

<sup>105</sup> BAUMAN, 2001, p. 227.

rigidez e a rotina não existem mais as tarefas desenvolvidas e exigidas diariamente não serão mais as mesmas. O indivíduo terá autonomia para definir qual direção irá escolher e também assumir as consequências nessas decisões. Cita-se curiosidade, aprendizado, conhecimento, desapego, adaptação, criatividade, autoafirmação, liberdade como palavras que fazem parte da flexibilidade. São de vital importância para o indivíduo demonstrar aquilo que o distingue dos demais e assim não o tornar descartável no mundo empresarial.

### 3.2 Da Pós-Modernidade a Hipermodernidade de Lipovetsky

Gallo define o pós-modernismo como a condição cultural que surgiu na metade do século XX através de movimentos artísticos, desvinculando-se da filosofia e das práticas da Modernidade, mas mantendo alguns princípios da Era Moderna como referências.<sup>106</sup> Dessa maneira, evidencia-se que o termo pós-Modernidade originou-se na área da cultura e que posteriormente direcionou-se para o campo da filosofia. Considera-se o filósofo francês Jean François Lyotard o primeiro pensador a tratar da pós-modernidade. Na sua obra intitulada *O Pós-Moderno*, Lyotard referencia o saber em relação às sociedades desenvolvidas. Leva em consideração “o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX”.<sup>107</sup>

Tem-se na pós-modernidade o período chamado pós-industrial, que apoiou a quebra de paradigmas e firmou uma nova forma de elaborar ações e projetos a serem estabelecidos. Nesse sentido, Lyotard afirma que o saber é o meio capaz de modificar a sociedade e, portanto, transcender a Modernidade para criar uma nova perspectiva relacionada ao ser humano. Dessa forma, o autor apresenta argumentos embasados ao saber e as grandes narrativas denominadas por Lyotard como metarrelatos. Em relação ao saber pode-se dizer que vem se tornando a principal força de produção nas últimas décadas e que faz parte da população ativa nos países mais desenvolvidos. Para o autor, “o saber é e será produzido para ser

---

<sup>106</sup> GALLO, Sílvio. Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação. *Revista Educação e Pesquisa*. [online]. Campinas, vol. 32, n. 3, pp. 551-565, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1517-97022006000300009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1517-97022006000300009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 13 set. 2015.

<sup>107</sup> LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990. p. XV.



vendido”, ou seja, muda a sua condição através da obtenção do conhecimento para ser valorizado pela sociedade, bem como pelas organizações e indústrias; “[...] ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim”.<sup>108</sup> Argumenta-se também que o saber transforma-se na medida em que tem influências tecnológicas e de informação nas sociedades atuais.

Em relação aos metarrelatos ou grandes discursos, Lyotard afirma que a Pós-Modernidade desconsidera estas teorias que foram desenvolvidas a partir da ciência para o avanço das sociedades humanas e que os grandes discursos que levam em consideração à metafísica, as universidades e o progresso científico são desconsiderados. Dessa maneira, busca-se através da comunicação à narrativa simples utilizando o raciocínio lógico. Catani afirma que “a rejeição aos grandes relatos”<sup>109</sup> é uma marca registrada da pós-modernidade. Acrescenta-se que o desenvolvimento do conhecimento científico foi embasado nos grandes discursos utilizados em outros momentos da história.

Gallo e Aspis citam o filósofo contemporâneo Gilles Lipovetsky como um dos pensadores defensor da pós-modernidade. Ressalta-se que na obra de Lipovetsky intitulada *Os Tempos Hipermodernos* afirma-se que o consumo exagerado e os valores atribuídos à cultura hedonista são os fatores responsáveis pela transição da Modernidade para Pós-Modernidade. Isto ocorreu na segunda metade do século XX.<sup>110</sup> Indo ao encontro de Lipovetsky é relevante comentar que a primeira fase do consumo da Pós-Modernidade ocorreu de 1880 a 1950, tendo-se a administração científica de Taylor responsável pelo aumento da industrialização, e por consequência uma maior participação dos produtos em vários mercados através do investimento no desenvolvimento dos transportes bem como a publicidade nos produtos utilizando o *marketing* em grandes lojas e centros comerciais.

De acordo com Gilles Lipovetsky, por volta de 1950 surge à segunda fase do consumo através da qual a produção e o consumo “não estão mais reservados unicamente a uma classe de privilegiados”,<sup>111</sup> mas o individualismo liberta-se das normas impostas pelas sociedades tradicionais e o ser humano relaciona-se com o

---

<sup>108</sup> LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 5.

<sup>109</sup> CATANI, Denise Barbara. Lyotard, Jean-François. O pós-moderno. *Revista Administração de Empresas*. Rio de Janeiro, p. 64. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v27n2/v27n2a11.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015

<sup>110</sup> LIPOVETSKY, 2011, p. 23.

<sup>111</sup> LIPOVETSKY, 2011, p. 24.

presente e as novidades atingindo todas as classes sociais. Isto ocorre através da aquisição e do consumo desenfreado de bens, produtos e serviços para obter a sensação de bem-estar e prazer ao presentear-se com novidades. Inicia-se, portanto, uma relação de sedução entre indivíduo e aquilo que o mercado pode ofertar regularmente de novo e diferente ao cliente.

Na obra *A Era do Vazio*, Lipovetsky afirma que a sociedade pós-moderna é “uma sociedade aberta e plural”<sup>112</sup>, pois a exigência do imperativo categórico de Kant é deixada para trás. E a flexibilidade da Modernidade Líquida de Bauman possibilita liberdade e bem-estar relacionados ao que interessa ao ser humano. Complementa-se o aparecimento da figura do Narciso, um indivíduo hedonista, flexível e em busca de liberdade. Exemplifica-se citando estilos musicais que surgiram a partir de 1950 como o *boogie-woogie*, *jazz*, *rock and roll*, entre outros como o festival de Woodstock, em 1969.

Corroborando com Lipovetsky comenta-se que a Pós-Modernidade iniciou a partir de 1960 com o movimento da contracultura. Este é concebido como sendo movimentos sociais e ideológicos que objetivavam despertar a desordem extrema na sociedade. Sendo assim, tem-se como resultado uma postura radical relacionada à política, revoltas estudantis, bem como a difusão entre os jovens de drogas ilícitas, tais como a maconha e o LSD, liberação sexual e o aumento da violência. Esta realidade é perceptível também em espetáculos e filmes como *Laranja Mecânica* de Stanley Kubrick.

Para o autor, a década de 1960 define “um começo e um fim”<sup>113</sup>: fim do Modernismo com manifestações contra valores relacionados ao puritanismo e também as ações que buscam a felicidade do ser humano (utilitarismo). Por outro lado, é o começo da Pós-Modernidade que evidencia o hedonismo narcisista, que faz o consumo chegar ao hiperconsumo e o hipernarcisismo a partir dos anos 1980. Portanto, para Gallo e Aspís a pós-modernidade “foi nada mais que um momento de transição, que já passou”. Nos dias atuais vive-se nos “tempos hipermodernos”, que é o período onde os modelos da modernidade ainda prevalecem, mas “hiperbolizados”, “elevados à enésima potência”.<sup>114</sup>

---

<sup>112</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução: Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005. p. 3.

<sup>113</sup> LIPOVETSKY, 2005, p. 83.

<sup>114</sup> GALLO, Sílvio; ASPIS, Renata Lima. Ensino de filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga. *Pro-Posições* [online]. Campinas, vol. 21, n. 1, p. 89-105, 2010. p. 92.

Nesse sentido, é procedente que se conceitue o termo hipermodernidade criado por Lipovetsky como a era em que a sociedade torna-se liberal, com movimentos caracterizados pela fluidez e flexibilidade da Modernidade Líquida. Ressalta-se que a hipermodernidade alavancou impactantes mudanças nos princípios e valores existentes nas estruturas das sociedades modernas. Passou a ser necessária a adaptação para não perderem espaço para o ritmo hipermoderno. Além do termo hipermodernidade o autor apresenta os termos hiperconsumo e hipernarcisismo como características que compõem a hipermodernidade. Cita-se o hiperconsumo como um consumo exagerado e que faz parte da vida social do indivíduo. Acredita-se que o luxo, aquisição de produtos relacionados à marca e que tem tecnologia de ponta motivam o ser humano a consumir para sentir prazer e exercitar o hedonismo, pois o hiperconsumo significa consumir “pela satisfação que proporciona”,<sup>115</sup> e não apenas para exibir o status alcançado perante o grupo ao qual pertence.

Em relação ao hipernarcisismo, Lipovetsky refere-se à pessoa narcísica como um ser flexível, organizado e maduro. Uma figura antítese da que foi apresentada na pós-modernidade como um narciso hedonista e revolucionário. Nesse sentido, pode-se dizer que o indivíduo hipermoderno é instável e desestruturado, levando em consideração objetivos de vida e ideais a serem alcançados tanto no âmbito pessoal quanto profissional. Acrescenta-se que a globalização, a concorrência e a necessidade de conhecimento através de especializações e vivência organizacional são fatores importantes para suprir os pré-requisitos determinados pelas organizações no que se refere à empregabilidade. Julga-se prudente afirmar também que estes fatores desencadeiam inquietações e angústias no ser humano em busca de um futuro que poderá ser incerto.

Por outro lado, ressalta-se que o hipernarcisista está vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, conectado a tecnologias que permitem manter-se atualizado com informações e notícias que acontecem em todo mundo. Contudo, Lipovetsky caracteriza-o como um ser com conhecimento superficial e muito influenciável no que se relaciona à moda, à cultura ao corpo, à preocupação com a saúde. Além disso, o autor afirma que a secularização disseminou-se na

---

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072010000100007&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072010000100007&lang=pt)>. Acesso em 16 set. 2015.

<sup>115</sup> LIPOVETSKY, 2011, p. 26.

hipermodernidade e a religião renovou-se para continuar atraindo fiéis através do fortalecimento de valores ligados à solidariedade, ao amor, ao hedonismo. Complementa-se também que o enaltecimento de valores ligados à família bem como no que diz respeito à ética e a política são citados como uma característica da hipermodernidade.

Em relação à ética na hipermodernidade pode-se dizer que não possui mais os mesmos preceitos vivenciados no passado onde o dever era algo imperativo. Para Lipovetsky, a moral “funciona mais pela emoção que pela obrigação”.<sup>116</sup> Adapta-se aos novos valores individualistas, mas não ocultando os valores éticos pactuados, pois se acredita que os mesmos permanecem vivos na sociedade contemporânea. Porém, o comprometimento do indivíduo com a ética não está mais embasado nos princípios da sociedade, mas sim na tomada de responsabilidade individual e a satisfação do próprio desejo através de comportamentos responsáveis.

Concluindo, julga-se relevante citar que para Lipovetsky o êxito da hipermodernidade está vinculado à habilidade de direcionar a ética da responsabilidade em um posicionamento superior aos comportamentos irresponsáveis. Isto através da valorização do conhecimento adquirido pelo homem ao longo da sua existência e a preparação das novas gerações para os problemas e adversidades, tanto no presente quanto para o futuro.

---

<sup>116</sup> LIPOVETSKY, 2011, p. 38.



#### **4 AMBIENTE ORGANIZACIONAL, ANÁLISE COMPORTAMENTAL E O PERFIL DO ADMINISTRADOR**

O objetivo deste capítulo é apresentar um breve resumo da origem e evolução do enfoque comportamental na administração e do ambiente organizacional, o perfil e habilidades do administrador moderno.

Pode-se afirmar que na sociedade industrial moderna, a produtividade está vinculada ao desempenho do trabalhador e atitudes, comportamento e postura das pessoas que fazem parte da organização. Menciona-se também que as empresas que adotam o aspecto comportamental como fundamental devem proporcionar um sistema social. Maximiano define como o sistema que deve ter “tanta ou mais influência sobre o desempenho da organização”.<sup>117</sup> Isto também no que se refere a equipamentos para produção, processos produtivos, tecnologia, organogramas, procedimentos e normas de conduta. Neste sentido, é relevante mencionar o conceito de comportamento organizacional. Para Chiavenato é o estudo da dinâmica entre a organização e de que forma as equipes formadas por colaboradores se comportam dentro dela.<sup>118</sup> Complementa-se dizendo que as características do indivíduo são fatores que os tornam únicos, bem como é aquilo que diferenciam as pessoas uma das outras, além de referenciar o comportamento do ser humano em grupos, comunidades, na sociedade e nas organizações.

O surgimento da preocupação com os trabalhadores e seu bem-estar iniciou durante a Revolução Industrial através da ação dos sindicatos constituídos a favor dos empregados, a doutrina marxista, o pensamento humanista que levava em consideração a condição dos indivíduos no local de trabalho. Com isso, argumentou-se que os trabalhadores não eram máquinas e sim seres humanos que necessitavam ser treinados e liderados. Resumidamente, Chiavenato comenta que as origens da teoria comportamental da administração estão relacionadas à divergência entre a teoria das relações humanas que se baseava somente nas pessoas, com a teoria clássica de Fayol que tinha como premissa somente a preocupação com as tarefas e a estrutura organizacional das empresas. Através da interação entre as duas teorias supracitadas há o surgimento da Teoria

---

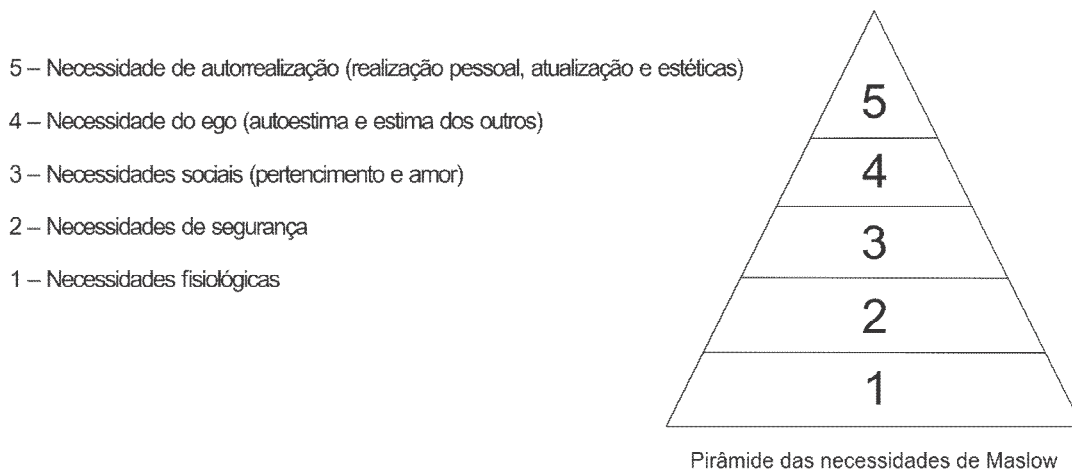
<sup>117</sup> MAXIMIANO, 2012, p. 155.

<sup>118</sup> CHIAVENATO, 2015, p. 347.

Comportamental. Esta última que buscou desvencilhar-se da teoria das relações humanas por não concordar com os fundamentos e as concepções desenvolvidos por esta teoria.<sup>119</sup>

Salienta-se que a Teoria Comportamental tem seu embasamento no comportamento individual das pessoas. Portanto, para entender e analisar de que maneira as pessoas se comportam afirma-se que um dos pontos principais da Teoria Comportamental é o estudo da motivação humana. Abraham Maslow (1908-1970) foi um psicólogo que se especializou em motivação humana e desenvolveu uma teoria da motivação. Nesta teoria define que as necessidades humanas estão organizadas como uma pirâmide: na base localizam-se as necessidades mais baixas denominadas fisiológicas, já no topo encontram-se as mais elevadas como as necessidades de realização pessoal.

**Figura 1 - Pirâmide das necessidades humanas de Abraham H. Maslow**



Fonte: VITÓRIO, Elias Ely Gomes. *Teorias de motivação de pessoas, aplicadas nas organizações públicas fortemente hierarquizadas*. 2015. 206 f. Tese (Doutorado) em Administração - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2015. p. 37.

Na Figura nº 1 a pirâmide apresenta a hierarquia das necessidades motivacionais de Maslow, representadas pelas necessidades fisiológicas até as de autorrealização. De acordo com Maslow pode-se dizer que quando um nível de necessidade individual está satisfeito a pessoa preocupa-se com o próximo nível. Ou seja, o mais elevado. Exemplifica-se citando que quando as necessidades de

<sup>119</sup> CHIAVENATO, 2015, p. 322.

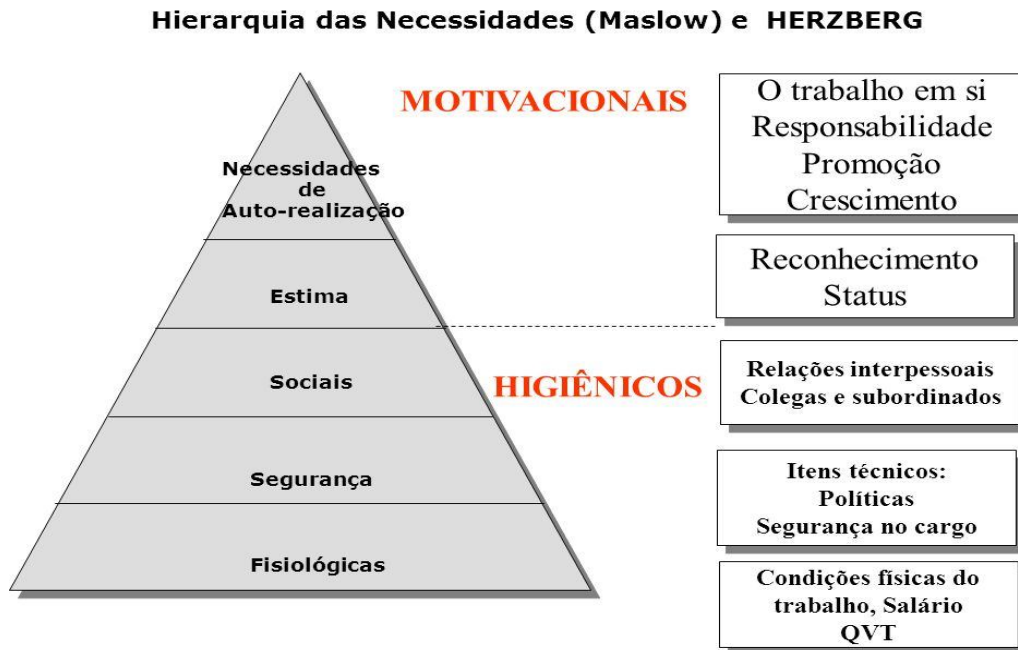
relacionamento estão satisfeitas o indivíduo busca a que está em um nível superior, pois a outra deixa de ser motivadora. É relevante comentar que segundo este autor nem todos os seres humanos chegam ao topo da pirâmide de Maslow, pois alguns se preocupam com as necessidades de autorrealização. Outros, porém, permanecem nas necessidades de estima. Além disso, comenta-se que cada pessoa tem mais de uma motivação e que todos os níveis atuam paralelamente no organismo.

Já em relação ao comportamento das pessoas no ambiente organizacional o psicólogo e professor de administração Frederick Herzberg formulou a teoria dos dois fatores que apresenta os fatores higiênicos ou extrínsecos que fazem parte das condições organizacionais e que estão fora do controle das pessoas. Cita-se como fatores higiênicos o salário, benefícios sociais, perfil de gestores e líderes, condições de trabalho, política da empresa, clima organizacional, entre outros. O segundo conjunto de fatores de acordo com Herzberg são os chamados fatores motivacionais ou intrínsecos. Estes se relacionam com as atividades e o desempenho do(a) colaborador(a) no desenvolvimento das tarefas executadas. Exemplifica-se como fatores motivacionais a autorrealização através do crescimento profissional, a responsabilidade perante a organização e o trabalho a ser desenvolvido. Percebe-se, portanto, que os fatores motivacionais são de controle do indivíduo, ao contrário dos fatores higiênicos.

Dessa maneira, não há como dissociar a relação entre os modelos de motivação desenvolvidos por Maslow e Herzberg. De acordo com a figura nº 2 verifica-se que os autores tratam das necessidades, porém a diferença é que Maslow trabalha a motivação das necessidades de baixo para cima. Já Herzberg apresenta as necessidades internas e externas que estão relacionadas ao contexto organizacional e que interagem com as necessidades individuais de Maslow.



Figura 2 – Hierarquia das Necessidades (Maslow) e HERZBERG



Fonte: CHIAVENATO, 2015, p. 331.

É procedente comentar que quando as necessidades estão insatisfeitas, frustrações e ansiedade podem ser desencadeadas no ser humano. Conforme Maximiano as frustrações podem gerar comportamentos de agressão, fuga, compensação e deslocamento da pessoa em relação ao ambiente organizacional ao qual está inserido.<sup>120</sup> O comportamento agressivo relaciona-se com ofensas verbais e ataques físicos e, portanto, tem-se como reflexo os sentimentos de ira e hostilidade. Em momentos que não é possível descarregar a agressividade na pessoa que o provocou o indivíduo sente-se frustrado e pode ir atrás de outra vítima. Com isso, desenvolve o comportamento de deslocamento. Já o comportamento de fuga refere-se a um estado de desmotivação e desânimo, pois se acredita que o indivíduo está num estado de apatia e depressão, gerando um desinteresse na organização da qual faz parte e também nos objetivos e metas a serem atingidos.

Pode-se dizer que o comportamento de compensação é aquele que a pessoa não vislumbra possibilidade de crescimento e progresso dentro da organização. Desta forma, busca alternativas de procurar outra oportunidade de emprego e mesmo mudar de profissão. Portanto, julga-se correto afirmar que a

<sup>120</sup> MAXIMIANO, 2012, p. 198.

motivação é algo essencial para a pessoa desenvolver seu trabalho e atingir os objetivos propostos pela organização. É também importante para obter reconhecimento e assim atingir o crescimento profissional almejado no ambiente organizacional.

Em relação ao ambiente organizacional Chiavenato afirma que as empresas fazem parte de um contexto humano, social político e econômico e que este contexto é denominado ambiente.<sup>121</sup> Nesse sentido, pode-se comentar que o ambiente organizacional sofre influências tanto internas quanto externas. Cita-se como agentes externos e diretos os clientes, fornecedores, a comunidade que a empresa faz parte, outras organizações inseridas na sociedade, a política do país, etc.

Outro fator relevante e que está inserido no ambiente organizacional é o clima organizacional. Para Srour, o clima visa “capturar a “temperatura social” que prevalece na organização”.<sup>122</sup> Assim, refere-se às características do ambiente da empresa que podem influenciar o comportamento, as percepções, bem como a opinião do colaborador que integra a organização. Considera-se como aspectos do clima organizacional a motivação, a liderança do gestor, a cultura, histórico e costumes. Além destes, menciona-se as normas de conduta e princípios éticos definidos pela Gestão, que devem ser conhecidos e aplicados pelos colaboradores que fazem parte do contexto organizacional. É procedente comentar a ética direcionada para as organizações, pois para Maximiano os códigos de ética “orientam o comportamento das pessoas, dos grupos e das organizações e seus administradores”.<sup>123</sup> Os códigos de ética das organizações são compostos pelos valores e pelas normas de conduta definidos pela direção da empresa e devem ser colocados em prática por todos envolvidos.

Já Srour refere-se à ética empresarial como uma disciplina que tem como característica diversos elementos que constituem o seu conceito e que busca averiguar através da moral aplicada nas organizações de que maneira as pessoas agem.<sup>124</sup> Portanto, acredita-se que é necessário ter entendimento, conhecimento e valores éticos para distinguir o bem (efeitos positivos e benefícios) e o mal (efeitos

---

<sup>121</sup> CHIAVENATO, 2015, p. 301.

<sup>122</sup> SROUR, Robert Henry. *Poder, cultura e ética nas organizações*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 136.

<sup>123</sup> MAXIMIANO, 2012, p. 293.

<sup>124</sup> SROUR, Robert Henry. *Ética Empresarial*. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. p. 11.

negativos e prejuízos). Porém, é relevante levar em consideração que acontecimentos culturais e também os avanços científicos ao longo da história provocaram transformações no que se refere ao conceito e discernimento da moral. Para o autor, os fatos morais são escolhas que pessoas e grupos sociais fazem tendo como embasamento os seus juízos de valor, ou seja, expressam suas posições assumidas perante os demais. Assim, o que é certo para uma pessoa pode ser errado para outra e assim por diante. Além disso, os fatos morais são alusivos ao tempo e ao espaço por serem fenômenos históricos e verdadeiros. Ao mesmo tempo empíricos e únicos.<sup>125</sup>

Ainda em relação à ética, Srour apresenta duas teorias estabelecidas por Max Weber para distinguir a ética da responsabilidade e da convicção. Essas teorias são referenciadas no ambiente empresarial e baseiam-se nos deveres e resultados. A teoria ética da convicção está alicerçada nos deveres universalistas e tem como preceitos seguir e respeitar os princípios e as regras estabelecidas. O segundo preceito são os ideais de esperança que determinam valores a serem seguidos por todos, e que através dele a organização alcançará os objetivos e ideais propostos. O autor comenta que esta ética vincula-se a consciência individual do ser humano. Ou seja, em função do princípio do dever a ser cumprido e os valores éticos e normas definidos o administrador realiza suas tarefas porque é um mandamento definido pela empresa. Precisa ser realizado para atingir as metas e objetivos determinados. A segunda é a teoria da responsabilidade que tem como premissa calcular os riscos existentes para se chegar ao resultado esperado dentro do contexto organizacional. Sendo assim, esta teoria busca os interesses universalistas e não interesses particulares, pois o objetivo é fazer uma análise das circunstâncias que os problemas ou melhorias ocorrem e desta maneira visualizar oportunidades e ameaças que possam surgir.

A teoria da responsabilidade contempla dois princípios: o primeiro da finalidade que se justifica nas ações realizadas para alcançar o objetivo desejado. Segundo Srour, a pessoa é guiada para realizar os fins universalistas, independente do que for necessário para alcançá-lo.<sup>126</sup> O segundo princípio da ética da responsabilidade é o utilitarista, que se baseia na tomada de decisões e ações para

---

<sup>125</sup> SROUR, 2012, p. 230.

<sup>126</sup> SROUR, 2012, p. 266.

alcançar de forma positiva o maior número de pessoas e com isto atingir os resultados esperados levando em consideração todos os participantes.

Portanto, pode-se afirmar que a teoria da responsabilidade busca analisar possíveis situações que possam ocorrer para definir qual direção será tomada pela organização. Sendo assim, não se coloca em prática os princípios e valores estipulados e a difere da teoria da convicção, que tem como premissa as decisões e ações a serem tomadas. Estas baseiam-se nos deveres universalistas intitulados princípios ou ideais firmados entre os envolvidos. Complementa-se também que para atingir metas e objetivos definidos pelas organizações num ambiente constituído por empresas competitivas, informatizadas e globalizadas, além das economias mundiais estarem em constantes oscilações e instabilidades, é imprescindível considerar as características comportamentais do indivíduo, os valores, princípios éticos para verificar se o perfil do(a) administrador(a) vai ao encontro do ambiente e clima da organização. E para dessa forma viabilizar a inserção do indivíduo no mercado de trabalho e alcançar o reconhecimento na área de atuação.

Nesse contexto é relevante citar o conceito de administrador, as habilidades desejáveis e o perfil do(a) administrador(a) no ambiente organizacional. Para Chiavenato, o(a) “administrador(a) profissional” não pode ser avaliado(a) pelas empresas somente pelo seu conhecimento em administração, mas também pelo “seu modo de agir, suas atitudes, conhecimentos, habilidades, competências, personalidade e filosofia de trabalho”.<sup>127</sup> E então para analisar se essas características e qualidades vão ao encontro e inserem-se no contexto cultural e competitivo da empresa, bem como com a equipe de trabalho a qual o administrador deverá interagir.

Já Maximiano enfatiza o papel do administrador direcionado ao processo de tomada de decisões. Para Maximiano, “administrar é sinônimo de tomar decisões”.<sup>128</sup> Assim, citam-se as três fases da tomada de decisão segundo Simon:

1. A prospecção que é a análise do problema ou algo a ser melhorado que necessita uma solução;

---

<sup>127</sup> CHIAVENATO, 2015, p. 2.

<sup>128</sup> MAXIMIANO *apud* Simon, 2012, p. 104.

2. A Concepção que seria como um *brainstorming* (tempestade de ideias) para criar alternativas para o problema em questão;
3. E por último a decisão, que é a avaliação e a escolha de uma alternativa para solucionar o problema.

Ainda para o autor, o homem administrativo utiliza a racionalidade na tomada de decisões e com isto as decisões são consideradas satisfatórias, pois se pode dizer que a concepção de ideias torna-se a mínima necessária para chegar à decisão. Em relação à tomada de decisões, Maximiano menciona dois tipos de decisões: as programadas que são ações repetitivas e definidas automaticamente, em função dos hábitos e rotinas estipuladas. As chamadas não programadas não possuem resoluções automáticas e exemplifica-se como prospecção de novos mercados, lançamento de novos produtos, redução de quadro de pessoal.

Levando em consideração as habilidades do administrador, Chiavenato comenta que “o sucesso do administrador depende mais do seu desempenho e da maneira como lida com pessoas”.<sup>129</sup> Isto nos remete associar a palavra desempenho as habilidades do(a) administrador(a), na medida em que é capaz de transformar o conhecimento adquirido em ações práticas, tendo como resultado o desempenho almejado. Para Chiavenato existem três tipos de habilidades que foram analisadas por Katz e que levam ao bom desempenho dos(as) administradores(as). A primeira habilidade é a técnica que se refere ao conhecimento específico e a primazia na execução das tarefas relacionadas à área de atuação. Cita-se como exemplo administradores(as) da área de comércio exterior que necessitam ter conhecimento técnico das rotinas e normas para importar e exportar bens e insumos. E também contadores(as) que possuem habilidade com números e cálculos de impostos, entre outros. A segunda habilidade é a humana, que está relacionada à facilidade e capacidade da pessoa desenvolver o relacionamento interpessoal e com o grupo. Além da comunicação cita-se a capacidade de motivar, liderar, resolver conflitos e propiciar o espírito de equipe dentro da organização.

A última habilidade é a conceitual, pode ser definida como a percepção do(a) administrador(a) em ter uma visão abrangente da organização, entender de que maneira os setores funcionam e estão estruturados e também as funções de cada colaborador(a). Com isso, raciocinar e buscar soluções possíveis para problemas e

---

<sup>129</sup> CHIAVENATO apud Katz, 2015, p. 3.

oportunidades. Para Chiavenato, esta habilidade representa “as capacidades cognitivas mais sofisticadas do administrador”. Portanto, o(a) administrador(a) possui a habilidade de planejar e utilizar estratégias visando o futuro da empresa, prospectar novas oportunidades de negócios, manter o negócio competitivo no mercado de atuação, entre outras.

Na medida em que o(a) administrador(a) sobe na hierarquia da organização e torna-se competitivo, Maximiano evidencia uma mudança de importância das habilidades<sup>130</sup>, pois quando um(a) administrador(a) está alocado(a) em uma função de coordenação de uma linha de montagem automotiva a habilidade técnica é vital. Contudo, quando este(a) mesmo(a) administrador(a) é promovido(a) a um cargo executivo na administração da empresa, as habilidades conceituais serão muito mais importantes e essenciais para o sucesso na gestão a ser implantada.

No entanto, segundo Moreira as instabilidades econômicas globais desencadeadas nos últimos anos como a crise no mercado americano em 2008, que afetou a produção industrial e também as bolsas de valores mundiais, promoveu a necessidade das organizações adaptarem-se ao novo cenário mundial através de linhas de produção mais enxutas, desenvolvimento e utilização de tecnologias de ponta e também a busca das empresas em tornarem-se flexíveis e velozes para manterem-se competitivas no mercado nacional e internacional.<sup>131</sup> É necessário contratar administradores flexíveis, multifuncionais e qualificados para atender as exigências de um mercado cada vez mais competitivo, consumista e globalizado. Menciona-se como desejáveis pelas organizações que o administrador tenha uma visão generalista de conhecimento em finanças, direito, recursos humanos, ética, gestão ambiental, entre outros.

Por outro lado, é pertinente que se perceba que as exigências, a competitividade acirrada e as mudanças nos postos de trabalho geram angústia e instabilidade pela possível geração de desempregos e isso pode desencadear a venalidade. Segundo Srour esta é a possibilidade da pessoa vir a se corromper para alcançar uma determinada posição dentro da organização<sup>132</sup>, seja na assinatura de um contrato de venda de determinado produto ou mesmo a prestação de serviço em

---

<sup>130</sup> MAXIMIANO, 2012, p. 114.

<sup>131</sup> MOREIRA, Fábio M. et al. Os alunos de administração estão em sintonia com o mercado de trabalho? Campinas; Sorocaba. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, vol.19, n.1, p. 61-88. 2014. p. 62. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772014000100004&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772014000100004&lang=pt)>. Acesso em: 25 set. 2015.

<sup>132</sup> SROUR, 2013, p. 1.

prol da empresa. Desta forma, trazer benefício para si próprio não levando em consideração princípios éticos, normas de conduta e os preceitos em relação às crenças e valores existentes.

Dessa forma, não há como dissociar a influência da Modernidade Líquida de Bauman no aspecto comportamental dos(as) administradores(as), onde a flexibilidade está vinculada ao perfil do(a) administrador(a) formado(a) nos dias atuais. E também com a evolução e mudanças desencadeadas nas organizações para adaptarem-se à competitividade e à globalização, ao incorporar a flexibilidade para fluírem no mercado que necessita cada vez mais o consumo por parte das pessoas. Menciona-se ainda a flexibilidade como uma característica positiva para o(a) administrador(a), pois nos remete a palavra adaptável e também a curiosidade, criatividade, fluidez, uso da tecnologia. Por outro lado, flexibilidade pode relacionar-se com desapego, que dependendo da situação é entendida como algo negativo. Exemplifica-se citando o desprendimento e falta de respeito em relação ao(a) próximo(a), a sociedade e ao meio profissional ao qual está inserido(a).

Comenta-se que a flexibilidade relaciona-se com a possibilidade do(a) colaborador(a) trabalhar em empresas internacionais que possuam escritórios em outros países e que definem nas atribuições dos cargos de seus(suas) administradores(as) a flexibilidade para viagens pela empresa. Ou ainda, o fato de não haver a necessidade de estar na empresa no horário de trabalho para executar as tarefas diárias. Ou seja, a flexibilidade de trabalhar em casa. Este tipo de trabalho é denominado *Home Office*, a possibilidade de executar suas tarefas em casa ou outro local, desde que tenha ferramentas necessárias para o desenvolvimento de suas atividades. Cita-se a tecnologia como um meio de comunicação com a empresa através do acesso a *internet*, redes sem fio (*wireless*), consulta a *e-mails*, *software* de gestão empresarial fora do ambiente e horário de trabalho utilizando ferramentas de trabalho como *smartphone*, *tablet* ou *notebook*. Com isso tudo, é possível estar *online* (conectado) em qualquer lugar no mundo.

Ainda em relação à flexibilidade para viagens acredita-se ser um ponto negativo para o(a) colaborador(a), pois a ausência do convívio familiar durante períodos que podem variar de semanas a meses podem comprometer a relação com a família e atividades de lazer. Isto pode levar a ruptura dos laços familiares e trazer assim ao individualismo, que é também uma característica apontada por Bauman na Modernidade Líquida.

Libanio afirma que a Modernidade é um incentivo para que as pessoas pensem somente nelas e façam aquilo conforme o seu entendimento sobre as coisas e princípios, pois buscam a liberdade.<sup>133</sup> Portanto, é relevante comentar que a preocupação e satisfação direcionada para o “eu” e não mais com o(a) próximo(a), a família, a sociedade, a cultura nos remete a perda dos valores voltados ao à tradição cristã. Isto porque se acredita que este processo iniciou no período da industrialização através do distanciamento da classe operária das igrejas, trazendo como consequência o afastamento dos valores cristãos no seio familiar.

---

<sup>133</sup> LIBANIO, João Batista. *Qual o futuro do Cristianismo?* São Paulo: Paulus, 2006. p. 121.





## CONCLUSÃO

O universo organizacional representa um recorte no tecido social, pois com o evento do capitalismo e o surgimento da Modernidade o ser humano iniciou um processo de afastamento dos princípios herdados da sociedade tradicional. Portanto, se justifica realizar a análise do comportamento organizacional dos(as) administradores(as) à luz de princípios éticos e valores cristãos que são considerados alicerce da estrutura social.

No arcabouço teórico apresentado neste estudo, muitos(as) autores(as) discorrem sobre os princípios morais e éticos que surgiram na Antiguidade, além dos ensinamentos e virtudes que estes fundamentos trouxeram para a análise comportamental da sociedade como um todo.

Em relação às vertentes teóricas acerca de princípios éticos do ser, este estudo procurou explorar a base conceitual proposta por Sócrates, que visa conhecer tudo que está relacionado ao homem e que as virtudes fazem parte do ser humano. Já Aristóteles apresentou uma visão diversa, pois para este filósofo as virtudes são desenvolvidas e aprimoradas mediante o convívio em sociedade e também pela capacidade de lidar com diferentes situações na vida pessoal e profissional. Diante disso, é possível correlacionar as virtudes com o comportamento de gestores(as) organizacionais, pois a inteligência, a sabedoria e o conhecimento constituem a virtude intelectual do indivíduo. O que é vital para o(a) administrador(a) fazer a gestão em um ambiente cada vez mais competitivo.

Por outro lado, a virtude ética está relacionada às características que formam o perfil do(a) administrador(a) como a disciplina, a parcimônia, resiliência, o comprometimento e o caráter do(a) gestor(a). Para La Taille, o caráter é uma virtude, pois “quando se diz de alguém que tem caráter, trata-se de um elogio; o que também é válido para a ética: quando se diz que uma pessoa é justa, está se fazendo uma avaliação a partir de um valor ético”.<sup>134</sup>

O estudo apontou também a importância da ética cristã para Tomás de Aquino. Para este autor, o ser humano interpreta o objetivo de sua existência pela fé. Portanto, na ética cristã o homem é filho de Deus e assim o comportamento e a moral são essenciais para apoiar o homem na busca da felicidade e aceitação pelo Criador. Desta forma, o(a) gestor(a) organizacional visa o sucesso e também a

---

<sup>134</sup> LA TAILLE, 2000, p. 112.

felicidade, aperfeiçoando as virtudes comportamentais através das habilidades comportamentais técnicas, humanas e conceituais.<sup>135</sup> Nesse sentido, estas habilidades podem ser consideradas vitais no objetivo de atingir o êxito e a eficácia como administrador(a) nas tarefas a serem executadas na organização, bem como no modo de lidar e relacionar-se com os membros da equipe.

Em relação à ética da consciência é pertinente citar Hume como o filósofo que buscou enfatizar a importância do sentimento, pois até então a razão estava à frente dos valores morais e da virtude.<sup>136</sup> Hume afirma que a virtude é “qualquer ação ou qualidade mental que suscita no espectador o sentimento agradável de aprovação”.<sup>137</sup> Assim, é possível perceber a importância de sentimentos tais como felicidade, prosperidade, benevolência, triunfo, como sentimentos virtuosos e que são necessários no perfil do(a) administrador(a). Apesar disso, existem também sentimentos como injustiça, desaprovação e infelicidade que pertencem aos sentimentos viciosos e que levam em consideração a individualidade. Estes podem prejudicar o desempenho e desviar o foco do(a) gestor(a) trazendo problemas na parte comportamental e mesmo na *performance* exigida pela organização.

Ainda em relação à ética da consciência, o estudo evidenciou o imperativo categórico de Kant como um princípio que perdeu relevância e espaço na Modernidade, pois o importante é o prazer e a felicidade que o indivíduo alcança em determinado momento, prevalecendo assim o elemento hedonismo de acordo Bauman. O hedonismo fruto da extrema individualidade do ser humano. Nessa perspectiva, é possível associar a individualidade como um conceito que surgiu na Modernidade e que pode fazer parte do comportamento dos administradores atuais, pela necessidade de participar de reuniões virtuais (*webconferences*) em horários alternativos em função de fuso horário, viagens de negócios internacionais, ausência por longos períodos do ambiente familiar, bem como a competitividade acirrada no mundo dos negócios. Nesta direção, o uso da internet como meio de comunicação possibilita o individualismo, que pode trazer isolamento, afastamento no convívio social e também a negligência aos princípios éticos e normas determinadas pela organização.

---

<sup>135</sup> CHIAVENATO *apud* KATZ, 2015, p. 3.

<sup>136</sup> HUME *apud* CONTE, 2006, p. 133.

<sup>137</sup> HUME *apud* CONTE, 2006, p. 133.

Na teoria ética da linguagem, Nietzsche é a contraposição de Kant, por tratar da hierarquia de valores que possibilita a afirmação do individualismo e mostrar que os valores morais estão alicerçados na individualidade de cada pessoa. Em relação ao perfil do(a) administrador(a) associou-se à teoria de Nietzsche a concepção de valores e princípios éticos. Princípios estes que através das condições de potência possibilitam desenvolver habilidades comportamentais e competência através da individualidade, todos para serem executadas e aprimoradas na carreira profissional, para alcançar o reconhecimento e a autorrealização na construção da vida profissional.

É pertinente abordar acerca da importância da ética do discurso de Habermas na análise comportamental dos gestores. Este princípio foi fundamentado na Modernidade a partir dos anos 1970. O estudo salientou que a argumentação defendida por Habermas através do diálogo e negociações necessárias para chegar à tomada de decisão e por fim, ao entendimento entre as partes relacionadas, que representam características necessárias ao perfil do(a) administrador(a), pois a habilidade de negociar, encontrar as melhores alternativas na solução de problemas ou melhorias, através do diálogo, bem como ter proatividade são competências desejáveis no perfil do(a) gestor(a) organizacional e devem estar de acordo com os princípios éticos e morais da organização.

Em relação à influência da relativização das relações sociais como característica da Modernidade este estudo verificou dois conceitos elencados na Modernidade Líquida de Bauman, que podem ser encontrados nos aspectos comportamentais dos(as) gestores(as) organizacionais: a flexibilidade como uma qualidade indispensável no(a) administrador(a), pois está relacionada à possibilidade de adaptar-se a qualquer situação (resiliência), ter desprendimento para trabalhar em qualquer cidade ou país do mundo, ser curioso(a) e com capacidade de adaptação para sempre aprimorar o conhecimento nas mais diversas áreas. Como consequência dos aspectos apresentados, o(a) administrador(a) tem liberdade nas decisões e caminhos a serem trilhados no âmbito profissional através da busca por cargos que tragam benefícios e salários atrativos em organizações que lhe ofereçam a remuneração e o *status quo* que almeja. A individualidade é outro aspecto que também faz parte do perfil do(a) administrador(a). Contudo, dependendo da situação a mesma pode ser compreendida como um ponto negativo, levando em consideração a perda dos vínculos familiares pela necessidade de se dedicar ao

trabalho mais do que quarenta e quatro horas por semana. Apresenta-se assim um distanciamento pela necessidade de criar sua própria rotina e hábitos solitários. Verificou-se também que a liberdade está dentro do aspecto da individualidade e dependendo da situação o(a) administrador(a) necessita assumir atitudes que remetem a individualidade na tomada de decisões.

Corroborando a vertente teórica que versa sobre a Modernidade Líquida julga-se relevante citar a revolução tecnológica sinalizada por Toffler. Esta é uma economia baseada na troca de informações e dados. Para Srouf, as três ondas de Toffler são definidas: a primeira foi à revolução agrícola; a segunda intitulada revolução industrial e a terceira definida como a revolução da informação.<sup>138</sup> Diversos(as) autores(as) evidenciaram que não há como dissociar tecnologia, liberdade e individualidade. Parafrazeando Castells, a internet é de fato uma tecnologia da liberdade, com ressalvas; podendo libertar os(as) poderosos(as) e por outro lado oprimir os(as) desinformados(as).<sup>139</sup>

Diante disso, é possível verificar a influência da internet no aspecto comportamental do(a) administrador(a). Porém, não há como afirmar que o uso da internet pode levar a um isolamento e falta de habilidade nas relações sociais, mas, em determinadas situações, a internet e a troca de informações podem ser uma substituta para outras atividades e tarefas. E finalmente, em relação aos valores cristãos, este estudo apontou que o aspecto comportamental do(a) gestor(a) organizacional pode amparar suas atitudes e postura nos preceitos cristãos. Este embasamento está exposto nos Mandamentos de Deus.

Já no Primeiro Mandamento, “honrarás teu Pai e tua Mãe”, levando em consideração o aspecto empresarial, nos remete ao respeito às hierarquias, normas de conduta e princípios éticos definidos pelas organizações. Assim como em um lar, dentro do seio familiar, o respeito pela figura do pai e da mãe como aqueles que nos antecederam e criaram a nossa família. Também no ambiente organizacional, por mais moderno e atualizado que seja, existem normas de conduta a serem seguidas e hierarquias a serem respeitadas.

Da mesma forma, nos mandamentos seguintes – não matarás, não adulterarás, não furtarás e não dirás falso testemunho contra o(a) teu(tua) próximo(a) – existe uma correlação com normas e preceitos organizacionais,

---

<sup>138</sup> TOFFLER *apud* SROUR, 2012, p. 11.

<sup>139</sup> CASTELLS, 2001, p. 225.

principalmente no que tange ao relacionamento com seus pares (pessoas com o mesmo nível de responsabilidade na empresa), equipes e demais colaboradores(as). As organizações modernas e atualizadas valorizam a prática da empatia (colocar-se no lugar de outra pessoa) como uma forma eficaz e saudável de solução de conflitos. Diante disso, é compreensível que os mandamentos supracitados sejam à base da empatia na gestão de pessoas e equipe.

Conclui-se, portanto, que o estudo ressaltou a relevância da Modernidade na influência comportamental do(a) gestor(a) organizacional, levando em consideração os aspectos da individualidade e flexibilidade de Bauman. Além disso, as principais teorias éticas que possuem enfoque nas virtudes, caráter, sucesso, felicidade, sentimentos, senso do dever, valores morais e cristãos bem como diálogo e negociação foram correlacionadas com as características comportamentais e o perfil do(a) administrador(a). Por outro lado, percebeu-se que apesar dos preceitos cristãos existirem há mais de dois mil anos a sua essência permanece sendo valorizada pelas organizações, pois instigam a ética, o caráter, os valores morais, o bom senso e o trabalho em equipe no relacionamento diário entre as pessoas dentro do ambiente organizacional.

Ressalta-se que o estudo não esgota o tema abordado, mas possibilita o embasamento para novas pesquisas na busca por mais evidências que poderão trazer relevantes considerações para análise do ambiente sócio-econômico e organizacional diante dos desafios da sociedade moderna.



## REFERÊNCIAS

- BALIULEVICIUS, N. L. P. Macário. *Jogos cooperativos e valores humanos: perspectiva de transformação pelo lúdico*. Rio de Janeiro. Fitness & Performance Journal, v. 5, n. 1, 2006.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. 2. ed. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BENTHAM, Jeremy. *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*. Oxford: Clarendon Press, 1907. p. 4. Disponível em: <<http://www.econlib.org/library/Bentham/bnthPML1.html#Chapter%20I,%20Of%20the%20Principle%20of%20Utility>>. Acesso em: 19 ago. 2015.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2013.
- BOTO, Carlota. Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. *Revista Educação & Sociedade* [online]. São Paulo, Ano XXII, n. 76, p. 121-146, 2001. p. 126. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302001000300008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000300008&lang=pt)>. Acesso em: 08 ago. 2015.
- BRITO, Adriano Naves. Falácia Naturalista e Naturalismo moral: do É ao deve mediante o quero. *Kriterion, Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais*. Minas Gerais, n. 121, p. 215-226, 2010. p. 217. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2010000100011&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2010000100011&lang=pt)>. Acesso em: 28 ago. 2015.
- CAMARGO, Marculino. *Valores da existência humana: ideais e desafios da vida e da morte*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CATANI, Denise Barbara. Lyotard, Jean-François. *O pós-moderno*. Revista Administração de Empresas. Rio de Janeiro, p. 64. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v27n2/v27n2a11.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução à Teoria Geral da Administração*. 9. ed. rev. e atual. São Paulo: Manole, 2015.



- CONTE, Jaimir. Sobre a natureza da teoria moral de Hume. *Kriterion*, Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Minas Gerais, n. 113, p. 131-146, 2006. p. 133. Disponível em: <[http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=jaimir+conte&index=&where=SCL&search\\_form\\_submit=Pesquisar](http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=jaimir+conte&index=&where=SCL&search_form_submit=Pesquisar)>. Acesso em: 12 ago. 2015.
- CORTELLA, Mário Sérgio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Qual é a tua obra?: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emilio. *Ética*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- DELLA TORRE, Maria Benedita Lima. *O homem e a sociedade: uma introdução à sociologia*. 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.
- DIAS, Maria Cristina Longo Cardoso. O Direito e a Ética em Bentham e Kant: uma comparação. *Revista Trans/Form/Ação*, Marília, v. 38, n. 1, p. 147-166, 2015. p. 148. Disponível em: <[http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=maria+cristina+cardoso+dias&index=&where=SCL&search\\_form\\_submit=Pesquisar](http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=maria+cristina+cardoso+dias&index=&where=SCL&search_form_submit=Pesquisar)>. Acesso em: 18 ago. 2015.
- DURKHEIM, 1890, p. 38 *apud* MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DURKHEIM, Émile. *Da Divisão do Trabalho Social*. 2. ed. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FAGUNDES, Márcia Botelho. *Aprendendo valores éticos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio – Edição Especial*. Curitiba: Ed. Positivo 2. ed. 2008.
- Fº. MONTSERRAT, José. Globalização, interesse público e direito internacional. *Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, São Paulo, 9 (25), 1995. p. 78. Disponível em: <[http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=globaliza%C3%A7%C3%A3o+direito+p%C3%ABlico&index=&where=SCL&search\\_form\\_submit=Pesquisar](http://search.scielo.org/?output=site&lang=pt&from=0&sort=&format=abstract&count=20&fb=&page=1&q=globaliza%C3%A7%C3%A3o+direito+p%C3%ABlico&index=&where=SCL&search_form_submit=Pesquisar)>. Acesso em: 10 set. 2015.
- FOUCAULT, Michel. *Trajectoria Filosófica para além do estruturalismo e da Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREZZA, Marcia; GRISCI, Carmem Ligia I.; KESSLER, Cristiano Keller. Tempo e Espaço na Contemporaneidade: uma análise a partir de uma revista popular de

negócios. RAC – Revista de Administração Contemporânea, Curitiba, v. 13, n. 3, art. 8, p. 487-503, Jul./Ago. 2009. p. 490. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-6552009000300009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552009000300009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 10 set. 2015.

GALLO, Sívio. Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação. *Revista Educação e Pesquisa*. [online]. Campinas, vol. 32, n. 3, p. 551-565, 2006. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1517-97022006000300009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1517-97022006000300009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 13 set. 2015.

GALLO, Sívio; ASPIS, Renata Lima. Ensino de filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga. *Pro-Posições* [online]. Campinas, vol. 21, n. 1, p. 89-105, 2010. p. 92. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072010000100007&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072010000100007&lang=pt)>. Acesso em 16 set. 2015.

GESSINGER, Rafael Koerig. *A coragem segundo Tomás de Aquino*. Porto Alegre: Editora Universitária da PUCRS, 2015.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo e teoria sociale*. Trad. di: Capitalism and Modern Social Theory. Milano: il Saggiatore / 1998.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sociologia*. 6. ed. Tradução: Ronaldo Cantado Costa. Porto Alegre: Penso, 2012.

HABERMAS, Jürgen. *Comentários à ética do discurso*. Trad. Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: 1991.

HAMEL, Márcio R. Da ética kantiana a ética habermasiana: implicação sóciojurídicas da reconfiguração discursiva do imperativo categórico. *Revista Kátal*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 164-171, 2011. p. 167. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802011000200003&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802011000200003&lang=pt)>. Acesso em: 28 ago. 2015.

HENNING, Paula. Resistência e criação de uma gaia ciência em tempos líquidos. *Revista Ciência & Educação*, v. 18, n. 2, p. 487-502, 2012. p. 490. Universidade Federal de Rio Grande. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-73132012000200016&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132012000200016&lang=pt)>. Acesso em: 05 set. 2015.

KANT, Immanuel. *A Metafísica dos Costumes*. Tradução de Edson Bini. 1. ed. São Paulo: EDIPRO – Edições Profissionais Ltda, 2003.

LA TAILLE, Yves. Para um estudo psicológico das virtudes morais. *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 109-121, 2000. p. 111. Disponível

em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-9702200000200008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-9702200000200008&lang=pt)>. Acesso em: 09 ago. 2015.

LIBANIO, João Batista. *Qual o futuro do Cristianismo?* São Paulo, SP: Paulus, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Tradução: Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. *Os Tempos Hipermodernos*. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2011.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós moderna*. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

\_\_\_\_\_. *O pós-moderno*. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido Comunista*. Tradução de Victor Hugo Klagsbrunn. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

MATTEDI, Cécile Raud. A construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online]. São Paulo, v. 20, n. 57, p. 127-142, 2005. p. 131. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092005000100008&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000100008&lang=pt)>. Acesso em: 02 ago. 2015.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. *Teoria Geral da Administração*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MAY, Roy. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2008.

MCLUHAN, Marshall. *Estudos da semiótica*. Disponível em: <<https://aboutmarshallmcluhan.wordpress.com/category/aldeia-global/>>. Acesso em: 12 set.2015.

MORAES, Cristiano Batista de. *Cristianismo e Libertação: a fé cristã e a práxis histórica na teologia de João Batista Libanio*. 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2014. p. 133. Disponível em <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/171014-JVvyvVdPh2p9z.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

MOREIRA, Fábio M. et al. *Os alunos de administração estão em sintonia com o mercado de trabalho?* Campinas; Sorocaba. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, vol.19, n.1, p. 61-88. 2014. p. 62. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772014000100004&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772014000100004&lang=pt)>. Acesso em: 25 sep. 2015.

MOSER, Antônio. *Ética, valores e educação*. Disponível em <<http://www.antoniomoser.com>>. Acesso em: 06 jul. 2015.

MUCCHIELLI, Laurent. O nascimento da sociologia na universidade francesa (1880-1914). *Revista Brasileira de História [online]*. São Paulo, v. 21, n. 41, p. 35-54, 2001. p. 47. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882001000200003&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200003&lang=pt)>. Acesso em: 02 ago. 2015.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Márcio Pugliesi. Curitiba: 2001.

RAMOS, Roberto. A educação e o conhecimento: uma abordagem complexa. *Educar em Revista*. Universidade Federal do Paraná, n. 32, p. 75-86, 2008. p. 79. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602008000200007&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602008000200007&lang=pt)>. Acesso em: 06 set. 2015.

RAMPAZZO, Lino. *Antropologia, religiões e valores cristãos*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SÁ, Antônio Lopes de. *Ética e valores humanos*. Curitiba: Editora Juruá, 2007.

SELLA, Ana Carolina; MULLER, Maria Cristina. É possível a ética do discurso de Habermas para pessoas com deficiência?. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v. 17, n. 2, p. 181-194, 2011. p. 182. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382011000200002&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382011000200002&lang=pt)>. Acesso em: 30 ago. 2015.

SPINELLI, Miguel. O conceito epicurista de Kritêrion vinculado ao de Enargeías e de Kanôn. *Kriterion, Revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais*. Minas Gerais, n. 125, p. 59-80, 2012. p. 74. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2012000100004&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2012000100004&lang=pt)>. Acesso em: 09 ago. 2015.

SROUR, Robert Henry. *Ética Empresarial*. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

\_\_\_\_\_. *Poder, cultura e ética nas organizações*. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. 30. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

VITÓRIO, Elias Ely Gomes. *Teorias de motivação de pessoas, aplicadas nas organizações públicas fortemente hierarquizadas*. 2015. 206 f. Tese (Doutorado) em Administração - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2015.